

BEM-ESTAR ANIMAL NA CADEIA PRODUTIVA BRASILEIRA:

EVOLUÇÃO E AMBIÇÕES
PARA O FUTURO



COBEA

ÍNDICE

01

PREFÁCIO

Dedicatória	04
Agradecimento	05
Objetivos e públicos-alvo	06
Introdução	07

02

CONTEXTO

Evolução do bem-estar animal na agropecuária brasileira	08
Condições para bem-estar animal no Brasil	09
Tendências relacionadas ao tema	10
Ponto de partida para a análise	15

03

CENÁRIO ATUAL

Panorama dos sistemas produtivos	18
Galinhas poedeiras	19
Frangos de corte	23
Suínos	26
Bovinos de corte	29
Bovinos de leite	33

04

CADEIA DE VALOR

Papel dos diferentes elos da cadeia de valor	37
Varejo	37
Food service	38
Pet food	38
Produtores	40
A importância da colaboração	41
Setor financeiro e público	42

05

CONCLUSÕES

Palavras finais	43
Sobre COBEA	44
Anexo – Exemplos de boas práticas	46

01

PREFÁCIO

DEDICATÓRIA

A COBEA dedica este relatório à memória do professor Mateus Paranhos da Costa, falecido em 2025, e presta homenagem ao professor Adroaldo Zanella e à Dra. Temple Grandin, três profissionais cujas trajetórias foram fundamentais para o avanço da ciência e da prática do bem-estar animal no Brasil e no mundo.

O professor Mateus Paranhos da Costa foi uma das maiores referências brasileiras em bem-estar animal e um dos pioneiros da consolidação dessa ciência no país. Com sensibilidade, rigor científico e profundo conhecimento da realidade do campo, demonstrou que o bem-estar animal não é apenas um compromisso ético, mas também um fator essencial para a eficiência, a sustentabilidade e a qualidade da produção. Sua capacidade de traduzir a ciência em soluções práticas ajudou a transformar a forma como produtores, empresas e pesquisadores brasileiros compreendem e aplicam o bem-estar animal. Seu legado permanece vivo no trabalho de todos que tiveram o privilégio de aprender com ele.

O professor Adroaldo Zanella, docente da Universidade de São Paulo, tem papel decisivo na consolidação do bem-estar animal como ciência no Brasil. Sua trajetória, construída em instituições de pesquisa no Brasil e no exterior, conecta a produção científica nacional às principais discussões internacionais da área. Seu trabalho amplia a compreensão sobre a relação entre saúde, sustentabilidade, comportamento e estados emocionais dos animais, forma novas gerações de pesquisadores e fortalece a inserção da ciência brasileira em um contexto global.

A Dra. Temple Grandin é pioneira mundial do manejo humanitário e revolucionou o design de instalações para animais de produção. Sua extraordinária capacidade de traduzir o conhecimento sobre o comportamento animal em soluções práticas transformou a pecuária em escala global. Ao longo de diversas visitas ao Brasil, compartilhou conhecimento, inspirou profissionais, produtores e empresas e contribuiu diretamente para melhorias no manejo, na infraestrutura e na adoção de boas práticas de bem-estar animal no país.

O legado desses três profissionais não está apenas no que produziram, mas no que tornaram possível. A COBEA e esta nossa primeira publicação são um desses desdobramentos: uma iniciativa pioneira que só existe porque eles abriram caminho — cientificamente, institucionalmente e culturalmente — para que o bem-estar animal fosse tratado com o rigor e a centralidade que hoje tem no Brasil. A COBEA leva adiante esse legado com o compromisso de promover uma produção animal baseada na ciência, na colaboração e na melhoria contínua.

A eles, nossa profunda admiração, respeito e gratidão.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer profundamente aos seguintes profissionais que contribuíram para este relatório:

Aline Sant’Anna, Grupo Etco
André Carreira Carlos, Mantiqueira Brasil
Annelise Soares, Nestlé Purina
Carlos Silva, JBS/Friboi
Charlie Ludtke, ABCS – Associação Brasileira dos Criadores de Suínos
Cicero Ari Tecchio, Seara
Daniel Mohallem, Planalto Ovos
Elaine Sans, Fórum Nacional de Proteção e Defesa Animal / Iniciativa Mira
Elisa Tjarnstrom, COBEA (Autora)
Elizabeth Baggio Batista, Seara
Everton Andrade, JBS/Friboi
Fernanda Macitelli Benez, BE Animal
Humberto Carvalho, Danone
José Ciocca, Produtor do Bem
Juliana Pereira, Mantiqueira Brasil
Juliana Ribas, Agrocere
Leonardo Vega, F&S Consulting
Livia Magalhaes, Grupo Etco
Michele Heck Bellaver, Seara
Natalia Karoline da Silva, Seara
Paola Rueda, Produtor do Bem
Patricia Bernert, JBS/Seara
Sarah Savignolo, APA – Associação Paulista de Avicultura
Suellen Martins da Silva, Seara
Sulivan Alves, ABPA – Associação Brasileira de Proteína Animal
Tâmara Borges, Minerva Foods
Tamiris Salvador, Nestlé
Valeria Homem, Mapa – Ministério da Agricultura e Pecuária
Vamiré Luiz Sens Junior, Seara
Vinicius Fonseca, Instituto Federal Baiano

OBJETIVOS E PÚBLICOS-ALVO

INTRODUÇÃO

A COBEA (Colaboração Brasileira de Bem-estar Animal) foi idealizada pela certificadora Produtor do Bem em 2024 com o propósito de promover o bem-estar animal no Brasil. A iniciativa inclui todos os elos da cadeia produtiva de proteína animal, reunidos em um modelo colaborativo e pré- competitivo, com o objetivo de facilitar o avanço e superar barreiras ao progresso.

Para nortear a iniciativa e definir prioridades de ação coletiva, consolidamos o entendimento sobre os conceitos-chaves de bem-estar animal no nosso documento de abordagem, publicado em junho de 2025¹. Como desdobramento daquele documento, este relatório avança na estruturação do nosso processo, e aqui analisamos a situação atual do bem-estar animal na cadeia produtiva no Brasil e a evolução do tema até agora, incluindo exemplos de boas práticas, e identificamos onde estão as maiores lacunas atualmente.

Utilizamos a definição de bem-estar animal da Organização Mundial de Saúde Animal (OMSA) e o modelo científico dos Cinco Domínios para orientar ambições desejáveis para o futuro. A partir dessa base, este relatório analisa os principais desafios e oportunidades da agropecuária brasileira em cinco setores-chave.

O conteúdo do relatório foi desenvolvido de forma colaborativa, com contribuições de especialistas de cada setor e de empresas associadas à COBEA, e servirá de base para a definição de prioridades futuras e a criação de projetos voltados ao desenvolvimento de soluções concretas.

O relatório é direcionado a todos os interessados na produção de proteína animal no Brasil que desejam contribuir para a melhoria contínua do bem-estar animal e fortalecer o papel do país como referência global em boas práticas. Trata-se de um desafio complexo, que exige o engajamento de toda a cadeia de valor.

Para a COBEA, o bem-estar animal é um pilar inegociável da cadeia de proteína: mais do que uma exigência de mercado, é um compromisso irreversível que impulsiona rentabilidade, sustentabilidade, resiliência e reputação. Este é o momento de o setor atuar de forma proativa, alinhando expectativas e definindo, de forma conjunta, as ambições para o futuro.

Com um processo de alinhamento e diálogo, não só nacionalmente, mas também com organizações em outros países, será possível desenvolver estratégias sólidas, gerir riscos e evitar possível impacto negativo. A COBEA tem dado, no seu primeiro ano de atuação, os primeiros passos para criar um modelo colaborativo em torno do bem-estar animal no Brasil, e convida você a fazer parte.

N a última década, o bem-estar animal consolidou-se como uma temática de alta relevância no Brasil, permeando os debates científico, social, político e econômico. Reconhecido como um dos maiores produtores e exportadores mundiais de proteína animal, e caracterizado pela forte presença da agropecuária aliada a uma cultura de convívio próximo com outras espécies, o país observa o tema transcender as esferas técnicas para alcançar dimensões éticas e culturais. Essa mudança de paradigma impõe desafios logísticos, tecnológicos e culturais ao setor produtivo, ao mesmo tempo que oferece oportunidades de negócios e um Brasil com potencial de liderança global.

Compreender a situação atual do bem-estar animal na agropecuária nacional é fundamental, não apenas para atender a padrões regulatórios e de mercado, mas também para promover avanços que impactam diretamente a saúde pública e a qualidade de alimentos. Além disso, a crescente conscientização da sociedade brasileira sobre direitos animais e consumo responsável reforça a urgência de discutir e avaliar o status atual dessa questão. O debate sobre a forma como os animais são criados reflete não apenas preocupações com a produção sustentável, mas também valores sociais em transformação.

O debate sobre a forma como os animais são criados reflete não apenas preocupações com a produção sustentável e responsável, mas também valores sociais em transformação. Além disso, enfrenta-se o desafio de alinhar práticas de manejo e produção às demandas internacionais, de maneira a participar do movimento global por sistemas alimentares sustentáveis e resilientes. Há uma previsão de que o comércio global de proteína animal aumentará na próxima década para todas as principais espécies, e o Brasil é considerado o país com o maior potencial para atender a essa demanda.

Nesse cenário, muitas oportunidades surgem quando uma empresa investe em bem-estar animal. Fatores intangíveis como marca e reputação — que hoje representam a maior parte do valor das empresas do S&P 500² — são fortalecidos por boas práticas como bem-estar animal. Uma estratégia bem alinhada com as expectativas dos stakeholders pode gerar vantagens competitivas, resultando em produtos de maior valor agregado, reputação positiva, liderança setorial e preparação antecipada para regulações futuras.

Por outro lado, ignorar o tema acarreta riscos claros: críticas públicas, pressão moral da sociedade sobre os produtos, exigências legais mais rígidas e perda de confiança de consumidores e investidores. No âmbito da indústria, a adoção de padrões e ações coordenadas pode reduzir custos e aumentar a credibilidade e confiança tanto das empresas individualmente quanto do setor como um todo. Além disso, antecipar tendências é essencial para gestores públicos e privados, que enfrentam a decisão de conduzir as transformações ou simplesmente serem levados por elas.

Ao longo da história, observou-se que as mudanças não destroem sistemas produtivos, mas os fortalecem para o futuro, alinhando-os a novos recursos, tecnologias e expectativas. Nesse contexto, considerar os impactos do negócio e integrar o bem-estar animal à sustentabilidade torna-se indispensável na pecuária. Além de ser pilar da produção sustentável, o manejo adequado reduz perdas e contribui para enfrentar o déficit alimentar do país.

¹ Abordagem da COBEA ao Bem-estar Animal, disponível no: https://cobeacom.br/wp-content/uploads/2025/10/Abordagem-COBEA_10_06_2025.pdf

²S&P 500, abreviação de Standard & Poor's 500, ou simplesmente S&P, é um índice composto por quinhentos ativos cotados nas bolsas de NYSE ou NASDAQ, qualificados devido ao seu tamanho de mercado, sua liquidez e sua representação de grupo industrial.

02

CONTEXTO

EVOLUÇÃO DO BEM-ESTAR ANIMAL NA AGROPECUÁRIA BRASILEIRA

As cadeias produtivas (suínos, bovinos, aves) têm reagido a exigências de mercado e respondido à demanda interna e externa por práticas de bem-estar em ações como foco em rastreabilidade, melhoramento genético, boas práticas de manejo, diminuição de procedimentos dolorosos sem anestesia/analgesia, abate humanitário, entre outros. Observa-se um crescente número de relatórios, benchmarks e pesquisas conduzidos pelo terceiro setor, que monitora e divulga publicamente as práticas adotadas, causando pressão para aperfeiçoamento.

Assim, o foco cresce em transparência corporativa, sendo o estar animal uma das métricas consideradas como indicador do desempenho geral de ESG da empresa. Em benchmarks globais como o BBFAW (Business Benchmark on Farm Animal Welfare), a maioria das empresas brasileiras incluídas no ranking tem melhorado o desempenho nos últimos anos, devido à pressão de investidores, clientes internacionais, consumidores e regulamentos, entre outros atores ³. A América Latina tem se destacado no BBFAW muito pelo trabalho e o progresso realizado pelas empresas brasileiras. Essas ferramentas têm o foco crescente em resultados concretos e relatos de indicadores de impacto.

Várias empresas líderes brasileiras têm investido em disseminação de boas práticas e em gestão de risco em bem-estar animal, utilizando indicadores para monitorar e classificar fornecedores de matéria-prima. Isso permite à empresa priorizar e bonificar boas práticas, além de identificar pontos críticos que exigem maior atenção.

³ Observe que o BBFAW tem desenvolvido critérios mais rigorosos com o tempo, o que dificulta comparações com as últimas iterações.

O grande foco futuro será a rastreabilidade em escala, tanto nas unidades de produção quanto no fornecimento de matéria-prima de terceiros. Adicionalmente, qualificação e formação profissional das pessoas que lidam diretamente com animais, transporte, e abate vêm sendo desenvolvidas e implementadas – o que é considerado por muitas empresas como fundamental para avançar.



CONDIÇÕES PARA BEM-ESTAR ANIMAL NO BRASIL

Brasil reúne condições naturais que favorecem sua liderança global em bem-estar animal, como ampla disponibilidade de terras e pastagens, clima diversificado e majoritariamente tropical, além de abundância de água e forrageiras adaptadas. Com essas vantagens, o país tem potencial para se destacar como fornecedor global de produtos de origem animal com alto nível de bem-estar, especialmente em sistemas integrados de produção bovina que conciliam produtividade, preservação ambiental e qualidade de vida animal.

Esses fatores favoráveis permitem sistemas de produção com o pastoreio ao ar livre durante grande parte do ano e reduzem, especialmente na bovinocultura de corte, a dependência de dietas à base de grãos. Essa combinação cria uma base sólida para a produção sustentável em larga escala, com espaço para incorporar práticas de bem-estar animal como sombreamento natural, integração lavoura-pecuária-floresta (ILPF) e sistemas silvipastoris.

Esse protagonismo também deve se estender à avicultura, à suinocultura e à cadeia aquícola, nas quais a intensificação exige soluções inovadoras que integrem eficiência produtiva e qualidade de vida para os animais. O principal desafio está em transformar todo esse potencial em liderança efetiva por meio de políticas públicas, investimento, conscientização e mecanismos de agregação de valor.

“O avanço da ciência tem impulsionado de forma decisiva a evolução do bem-estar animal no Brasil. Ao mesmo tempo, a pressão de mercados internacionais mais exigentes e a atualização constante das normas têm levado o setor a rever e aprimorar suas práticas de manejo e criação. Hoje, há uma demanda cada vez maior por transparência e por padrões mais elevados de bem-estar, movimento que ganha força com o avanço da digitalização e maior circulação de informações.”

Tâmara Borges, Gerente Global de Bem-Estar Animal, Minerva Foods

TENDÊNCIAS RELACIONADAS

1. Expectativas do mercado exterior

Em 2025, o Brasil reforçou sua posição como um dos principais atores globais na carne suína, com exportações recordes de aproximadamente 1,51 milhão de toneladas, crescimento de 11,6% em relação ao ano anterior ⁴ . As Filipinas se mantiveram como principal destino das exportações brasileiras⁵ . No segmento de frango de corte, o país também manteve patamares elevados de exportação, com volumes próximos a 5,3 milhões de toneladas, consolidando-se como o maior exportador mundial. A receita permaneceu próxima de US\$ 10 bilhões, com a China entre os principais destinos, ao lado de Emirados Árabes Unidos, Japão e Arábia Saudita ⁶ .

O Brasil segue como um dos principais exportadores globais de frango com certificação Halal, reforçando sua posição estratégica em mercados do Oriente Médio e países islâmicos⁷ . As exportações de carne bovina também permaneceram em níveis elevados. Em 2025, o Brasil alcançou cerca de 3,5 milhões de toneladas exportadas, com receitas próximas a US\$ 18 bilhões, impulsionadas principalmente pela demanda chinesa ⁸ .

A União Europeia e o Reino Unido são mercados líderes globais em exigências de bem-estar animal e restrições ao uso de antibióticos. Nessas regiões, produtos com selo de bem-estar têm preços premium e maior aceitação, pois há uma demanda crescente por carne bovina, frango e suínos de origem sustentável e certificada, visto que muitos consumidores valorizam cadeias transparentes e pagam mais por esses produtos. A maior exposição ao mercado europeu com o iminente acordo Mercosul-União Europeia representa oportunidades de mercado, mas também desafios como transição e eliminação de práticas ainda indesejáveis, além de maior rastreabilidade de origem.



⁴ ABPA, Exportações brasileiras de carne suína crescem 11,6% em 2025. Disponível em: <https://safras.com.br/exportacoes-brasileiras-de-carne-sui-na-fecham-2025-com-crescimento-de-116-aponta-abpa/>

⁵ Revista Feed&Food, Exportações de carne suína do Brasil batem recorde e Filipinas lideram destinos. Disponível em: <https://feedfood.com.br/exportacoes-de-carne-suina-do-brasil-batem-recorde-e-pais-se-aproxima-do-terceiro-lugar-global/>

⁶ ABPA, Exportações de carne de frango atingem recorde em 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/exportacao-de-carne-de-frango-do-brasil-tem-recorde-em-ano-de-gripe-aviaria/>

⁷ Canal Rural, Brasil mantém liderança nas exportações de frango halal em 2025. Disponível em: <https://www.canalrural.com.br/aves-e-suinos/brasil-mantem-lideranca-nas-exportacoes-de-frango-halal-em-2025/?utm>

⁸ ABIEC, Brasil bate recorde nas exportações de carne bovina em 2025. Disponível em: <https://abiec.com.br/brasil-bate-recorde-nas-exportacoes-de-carne-bovina-em-2025/>

Nos Estados Unidos e Canadá, apesar da forte produção interna, há nichos em mercados gourmet, orgânicos e livres de antibióticos. Outra característica na região é que redes de fast-food e supermercados já exigem fornecedores internacionais com protocolos de bem-estar.

O Oriente Médio (países do Golfo) é um mercado em expansão para carne bovina e de frango premium Halal, e alguns países como Emirados Árabes Unidos e Arábia Saudita valorizam certificação extra de bem-estar e segurança alimentar. Na Ásia (principalmente Japão, Coreia do Sul e Singapura) há cada vez mais consumidores dispostos a pagar mais por produtos importados com garantia sanitária e de bem-estar animal. Japão, em especial, importa carne bovina premium e valoriza rastreabilidade. A maior parte da demanda chinesa foca em preço, mas cresce uma classe média alta que procura alimentos com melhor qualidade, segurança e bem-estar. Para esse mercado, redução do uso de antibióticos é um fator-chave.

Portanto, há um crescente interesse do mercado externo em produtos certificados para exportação, e certas exigências de bem-estar animal podem vir de compradores ou países importadores, o que exige adaptação. Transparência e rastreabilidade são certamente palavras-chave para o futuro, sendo cada vez mais necessário rastrear as cadeias produtivas para demonstrar que os animais foram criados sob práticas de bem-estar e sustentabilidade reconhecidas.



A OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico)⁹ , que estabelece padrões internacionais de conduta empresarial responsável, e a GRI (Global Reporting Initiative)¹⁰ , que define as principais métricas globais para reportar sustentabilidade, incluem o bem-estar animal porque consideram o tema parte integrante dos impactos sociais e ambientais das cadeias agropecuárias — incorporando-o como elemento de due diligence, riscos ESG, responsabilidade na cadeia de suprimentos e comunicação transparente das práticas das empresas.

2. Consumidores

As expectativas em relação a rastreabilidade e transparência vêm crescendo de forma significativa, possivelmente ainda mais para empresas do setor alimentício. Consumidores, assim como demais partes interessadas como investidores, reguladores, ONGs e a mídia, demandam cada vez mais informações sobre a origem dos ingredientes, as práticas adotadas ao longo da cadeia produtiva e os impactos sociais, ambientais e de bem-estar animal associados à produção. Nesse contexto, a capacidade de monitorar, comprovar e comunicar dados confiáveis sobre fornecedores, processos e padrões adotados deixou de ser um diferencial e passou a ser um requisito essencial.

Embora a consciência sobre bem-estar animal esteja crescendo no Brasil, o nível de informação do consumidor ainda é limitado. Muitos afirmam valorizar o tema, mas nem sempre compreendem o que ele envolve em termos de manejo, produção, certificações ou impactos no preço. A confiança do consumidor se tornou central, especialmente após a pandemia, aumentando a relevância de rastreabilidade, certificações e comunicação clara sobre a origem dos alimentos¹¹ . Porém, a transparência na cadeia de fornecimento ainda é incipiente, o que dificulta o apoio ativo dos consumidores a práticas de maior bem-estar.

⁹ <https://www.oecd.org/en.html>

¹⁰ <https://www.globalreporting.org/standards/standards-development/sector-standard-for-agriculture-aquaculture-and-fishing-gri-13/>

¹¹ ABPA, Exportações de carne de frango atingem recorde em 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/exportacao-de-carne-de-frango-do-brasil-tem-recorde-em-ano-de-gripe-aviaria/>

Nas decisões de compra, a saúde e a segurança dos alimentos costumam ter mais peso do que considerações éticas¹². O bem-estar animal é frequentemente percebido como um meio para garantir alimentos mais seguros, com menor uso de antibióticos e resíduos químicos. Esse cenário é reforçado pelas profundas desigualdades socioeconômicas do país, que limitam a capacidade de escolha baseada em atributos éticos para grande parte da população.

Como resultado, produtos associados a altos padrões de bem-estar tendem a ser posicionados como itens premium, acessíveis a nichos de maior renda. Isso evidencia a importância de integrar o bem-estar animal às bases da produção, e não o tratar apenas como um diferencial mercadológico.

Para avançar, são necessárias ações de educação e comunicação acessível que conectem bem-estar animal, saúde e qualidade dos alimentos. Varejo, grandes marcas, restaurantes e chefs têm papel estratégico ao promover transparência, apoiar decisões conscientes de compra e dar visibilidade a produtos de origem responsável, fortalecendo a percepção de valor e a legitimidade do tema junto aos consumidores. Uma narrativa especialmente eficaz é a que mostra como animais bem manejados exigem menor uso de antibióticos, que contribuem para o risco crescente da resistência antimicrobiana — um problema de saúde pública global.

3. Políticas públicas

No setor agropecuário brasileiro, o arcabouço legal de bem-estar animal tem avançado, principalmente com as normas federais sobre boas práticas de manejo, transporte e abate humanitário em diferentes setores, além de atualizações em regras de capacitação e exportação.

Destacam-se normas específicas, como a Instrução Normativa nº 113/2020 para a suinocultura, que estabelece prazos para a substituição de práticas de menor bem-estar, sinalizando uma transição gradual rumo a padrões mais altos. Mesmo que normas como essas existam, a cobertura e o nível de detalhamento variam entre diferentes sistemas de produção.

Estão em curso revisões importantes, como a nova Portaria SDA 1.295/2025, que propõe regras mais rigorosas para o transporte de animais (por exemplo, menor densidade, ventilação adequada, e acesso a água e alimento em longas viagens)¹³. Está em andamento também uma nova norma para o setor avícola, que segundo o Ministério da Agricultura e Agropecuária (Mapa) será foco prioritário para 2026. Outros exemplos de iniciativas do governo relacionados à temática incluem o Núcleo de Bem-Estar Animal (Nubea) e o Fórum Técnico de Bem-Estar Animal (FTBea) – projetos voltados à harmonização de diretrizes técnicas e científicas¹⁴.

Um desafio atual citado são regulamentações em diferentes níveis — federal, estadual e municipal — que resultam em realidades diversas de aplicação. A capacidade de fiscalização e implementação apresenta variações regionais, refletindo diferenças de estrutura, recursos e prioridades locais. Nesse sentido, fortalecer a coordenação entre os diferentes níveis de governo, ampliar o apoio técnico e institucional e promover maior convergência regulatória são passos importantes para garantir uma aplicação mais consistente e eficaz das normas em todo o país.

¹² Por exemplo Zanetta et al, 2022. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC8833883>

¹³ <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/aceso-a-informacao/participacao-social/consultas-publicas/2025/consulta-publica-submete-a-consulta-publica-a-minuta-de-portaria-que-estabelece-regras-e-procedimentos-para-a-protecao-e-o-bem-estar-dos-animais-de-producao-durante-transporte-acompanhado-de-guia-de-transito-animais/PORTARIASDA-MAPAN1.295DE3DEJUNHODE2025.pdf>

¹⁴ <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/defesa-agropecuaria/animal/bem-estar-animais/conceito>

Padrões mínimos claros que abranjam todas as espécies chave têm o potencial de favorecer a produção nacional e facilitar a competitividade com os mercados mais exigentes. Tais requisitos são particularmente úteis quando acompanhados de programas estaduais ou federais que incentivem a adoção de práticas de bem-estar — tais como financiamentos atrativos para adaptação de instalações, linhas de crédito, subsídios e extensão rural especializada.

Também é essencial garantir capacitação contínua de veterinários, zootecnistas e técnicos, para que saibam aplicar boas práticas, usar indicadores e interpretar dados de bem estar com segurança e responsabilidade. Além disso, integrar o bem-estar animal à agenda de Uma Só Saúde¹⁵ é fundamental, reforçando sua relação direta com saúde pública, sanidade dos rebanhos e sustentabilidade da produção.

4. Pesquisa acadêmica

No campo acadêmico, a pesquisa em bem-estar animal tem avançado rapidamente no mundo todo. O Brasil vem se consolidando como referência em pesquisas sobre saúde e bem-estar animal, contribuindo para o avanço do conhecimento e para soluções práticas. Um dos eixos centrais atuais é o desenvolvimento de indicadores fisiológicos e comportamentais mais confiáveis, que permitam avaliar emoções, estresse, dor e saúde mental, com metodologias padronizadas que facilitem comparações e gerem dados úteis para melhorias contínuas.

As tecnologias digitais têm acelerado essa evolução. Biossensores, câmeras, microfones, IA e visão computacional para monitoramento automático de bem-estar — dentro do escopo da zootecnia de precisão — já conseguem monitorar temperatura, aglomerações, vocalizações e expressões corporais, alertando para risco elevado, desconforto e problemas de saúde.

¹⁵ <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/u/uma-so-saude>

Pesquisas emergentes ampliam esse caminho com bioacústica, digital twins, big data e modelos preditivos que integram dados ambientais, comportamentais e fisiológicos para antecipar riscos e apoiar decisões automatizadas. O desafio atual não é apenas medir, mas interpretar os sinais e transformar análises em ajustes reais no manejo.

Há um interesse crescente em conectar pesquisa em bem-estar animal, perda de carcaça, meio ambiente e mudanças climáticas. Por exemplo, estudos mostram como boa nutrição e manejo adequado em ruminantes podem contribuir para a redução de metano, enquanto fatores como temperatura, umidade e escassez hídrica impactam diretamente o bem-estar em sistemas terrestres, aquáticos e na fauna silvestre. Esse cenário pressiona por sistemas de produção mais resilientes — com animais mais saudáveis, adaptados e com forte imunocompetência.

Existe ainda potencial para aprimorar características comportamentais por meio da evolução genética, algo que merece maior atenção em pesquisas futuras. Apesar dos avanços técnicos e conceituais, o setor ainda enfrenta baixo incentivo à pesquisa, especialmente para soluções adaptadas à realidade brasileira, embora parcerias público-privadas tenham impulsionado estudos em temas prioritários como manejo de suínos com caudas intactas, linhagens de crescimento mais equilibrado na avicultura e uso responsável de antibióticos.



Muitos dos desafios, como a caudofagia, são multifatoriais e exigem maior integração entre pesquisa e campo, com participação ativa dos produtores. As evidências mostram que o bem-estar animal contribui para a eficiência e a estabilidade produtiva, e exemplos como o avanço no uso de enriquecimento ambiental para reduzir estresse térmico e estimular comportamentos naturais em bovinos, suínos e aves demonstram os benefícios de se ampliar a adoção prática dessas soluções de forma consistente.

5. Uso reduzido de antimicrobianos

Alguns estudos nos últimos anos estimam que 73% de todos os medicamentos antibióticos vendidos globalmente são utilizados em animais de produção¹⁶, sendo que boa parte dos princípios ativos são também empregados na medicina humana. Uma grande quantidade dos animais na agropecuária recebe ainda antibióticos como promotores de crescimento e de maneira preventiva, pela prática do setor de acelerar o ganho de peso nos animais e por conta dos desafios sanitários impostos pelo confinamento de um alto número de indivíduos de baixa variabilidade genética. Esse uso abundante em animais de produção tem sido identificado como um dos principais fatores que contribuem para a resistência antimicrobiana (RAM), com impactos diretos na saúde humana ¹⁷.

Devido à relação entre o bem-estar animal precário, a redução do sistema imunológico e a maior prevalência de doenças, a temática vem crescendo como um desafio em foco no setor, que tem a grande responsabilidade de melhorar as práticas de alojamento e manejo de forma a reduzir essa dependência e ajudar a preservar a eficácia desses medicamentos. Já existem iniciativas em curso para monitorizar e restringir substâncias de elevado risco, principalmente como melhoradores de desempenho, e diversas classes desses fármacos para essa finalidade já têm sido proibidas pelo Ministério da Agricultura ¹⁸. Diversas empresas brasileiras estão agora promovendo ativamente o uso responsável de antimicrobianos em suas cadeias de suprimentos. O setor de produção animal como um todo deve acelerar a transição para o uso responsável de antimicrobianos, consolidando os avanços do Plano de Ação Nacional de Prevenção e Controle da Resistência aos Antimicrobianos no Âmbito da Agropecuária (PAN-BR Agro).

É fundamental que as estratégias preventivas estejam alinhadas às diretrizes do Comitê Interministerial de Uma Só Saúde e ao Programa Nacional de Vigilância da Resistência aos Antimicrobianos na Agropecuária (AgroPrevine)¹⁹, fortalecendo a governança sobre o uso de medicamentos.

Essa evolução exige investimentos consistentes em biossegurança rigorosa e adoção de soluções nutricionais inovadoras — como prebióticos, probióticos, ácidos orgânicos e óleos essenciais — que atuam como moduladores da microbiota e promotores da imunidade. Ao integrar vigilância epidemiológica e tecnologias de precisão, o setor não apenas reduz a dependência de antibióticos, mas reafirma seu compromisso com a segurança alimentar e a sustentabilidade, mitigando os riscos globais da resistência aos antimicrobianos (RAM).



¹⁶ Por exemplo Tiseo et al., 2020. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC7766021>

¹⁷<https://www.who.int/news-room/questions-and-answers/item/antimicrobial-resistance-in-the-food-chain>

¹⁸<https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/noticias/2022/mapa-proibe-o-uso-de-tilosina-lincomicina-e-tiamulina-como-aditivo-para-melhorar-o-desempenho-de-animais>

¹⁹<https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/insumos-agropecuarios/insumos-pecuarios/resistencia-aos-antimicrobianos/legislacao/agroprevine>

PONTO DE PARTIDA PARA A ANÁLISE DESTE RELATÓRIO

Abordagem da COBEA ao bem-estar animal

O documento Abordagem da COBEA ao Bem-Estar Animal ²⁰, publicado em junho de 2024, apresenta a visão, os conceitos orientadores e a metodologia da associação no seu trabalho para promover avanços em bem-estar animal no Brasil. A COBEA baseia sua atuação em ciência, colaboração e melhoria contínua, e parte do reconhecimento de que nenhuma empresa isoladamente pode resolver os desafios complexos ligados ao bem-estar, e por isso é necessária uma maior articulação entre produtores, indústria, varejo, consumidores, sociedade civil e academia. O processo inicial e estratégico da iniciativa envolve: Alinhar uma definição comum de bem-estar animal; Identificar lacunas nas práticas atuais; Definir prioridades e metas; Desenvolver indicadores para medir progresso; e Identificar barreiras e soluções conjuntas.

A COBEA adotou na sua abordagem a definição de bem-estar animal da Organização Mundial de Saúde Animal (OMSA) e reconheceu o modelo dos Cinco Domínios como referência científica para compreender e avaliar o bem-estar. O documento também relaciona o bem-estar animal aos princípios de sustentabilidade e ESG, destacando que ele impacta diretamente a saúde pública, o uso responsável de antibióticos, o meio ambiente e a eficiência produtiva. A COBEA apoia as abordagens integradas como Uma Só Saúde e Um Só Bem-Estar, que reconhecem a interconexão entre o bem-estar humano, animal e ambiental.²¹

¹⁶ Por exemplo Tiseo et al., 2020. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC7766021>

¹⁷<https://www.who.int/news-room/questions-and-answers/item/antimicrobial-resistance-in-the-food-chain>

²² OMSA, 2025. Artigo 7.1.1. Terrestrial Animal Health Code. https://www.woah.org/fileadmin/Home/eng/Health_standards/tahc/2018/en_chapitre_aw_introduction.htm

Por fim, a organização propôs no documento um processo estruturado de melhoria contínua, que inclui:

1. Integrar o bem-estar animal à estratégia de sustentabilidade corporativa;
2. Engajar a alta gestão e os diferentes níveis da organização;
3. Envolver e monitorar toda a cadeia de suprimentos;
4. Oferecer capacitação e suporte técnico; e
5. Avaliar e comunicar regularmente o progresso.

Em resumo, o documento define a abordagem colaborativa, científica e evolutiva da COBEA, que busca alinhar o setor brasileiro de proteína animal com os padrões internacionais estabelecidos de bem-estar e sustentabilidade, para facilitar maior alinhamento e impacto positivo em toda a cadeia de valor.

OMSA e a definição de bem-estar animal

A definição de bem-estar animal da Organização Mundial de Saúde Animal (OMSA) é adotada por seus 183 países membros e amplamente utilizada por governos, organizações internacionais, associações veterinárias, especialistas e ONGs, por ser baseada em evidências científicas e consenso técnico global. Como organismo intergovernamental reconhecido oficialmente pela Organização Mundial do Comércio (OMC), a OMSA estabelece padrões internacionais de saúde e bem-estar animal que têm peso normativo nas relações comerciais, servindo de referência para legislações, políticas públicas, requisitos de exportação, certificações, auditorias e guias de instituições como Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), União Europeia/Autoridade Europeia para a Segurança dos Alimentos (EFSA) e esquemas privados.

“Um animal possui um bom bem-estar quando está saudável, confortável, bem nutrido, seguro e livre de sofrimento causado por dor, medo ou angústia. Além disso, deve ter a oportunidade de expressar comportamentos naturais essenciais para seu bem-estar físico e mental. Um bom bem-estar animal requer prevenção de doenças, cuidados veterinários adequados, acesso a abrigo, nutrição balanceada, um ambiente seguro e estimulante, manejo responsável e abate humanitário.” ²²



Os Cinco Domínios

O modelo científico dos Cinco Domínios do bem-estar animal foi criado em 1994 pelos cientistas David J. Mellor e C. S. W. Reid, e vem sendo atualizado ao longo dos anos, mais recentemente pós 2020²³. O modelo fornece uma estrutura abrangente para avaliar e promover a qualidade de vida dos animais, considerando não apenas a ausência de experiências negativas, mas também a presença de experiências positivas, que são necessárias para garantir um bom bem-estar. Ele abrange os domínios da nutrição, ambiente, saúde, comportamento e estado mental — este último refletindo as experiências subjetivas do animal, como conforto, curiosidade, prazer ou medo, resultantes das condições nos quatro primeiros domínios.

Essa abordagem é amplamente reconhecida por oferecer uma visão holística e científica do bem-estar animal, orientando práticas de manejo, políticas públicas e estratégias corporativas voltadas à melhoria contínua. É considerada uma base científica clara, atualizada e prática para avaliar o bem-estar animal de forma mensurável e comunicável. Diferente de abordagens anteriores, ela incorpora os aspectos mentais e emocionais dos animais, alinhando-se ao reconhecimento da senciência como princípio central. Diversas organizações internacionais referenciam diretamente o modelo dos Cinco Domínios em suas diretrizes e iniciativas.

A OMSA o utiliza como base conceitual para seus padrões globais de bem-estar; a FAO o adota em publicações sobre sustentabilidade e práticas de produção responsável; e entidades como ONGs globais de bem-estar animal e o BBFAW incorporam seus princípios nas suas diretrizes. Dessa forma, o modelo dos Cinco Domínios também se tornou uma referência global, orientando governos, empresas e organizações a estabelecerem metas de melhoria contínua e a tomarem um caminho construtivo para promover o bem-estar animal.

Bem-estar animal e sustentabilidade

Um sistema alimentar sustentável é o que proporcione segurança alimentar e nutrição adequada para gerações atuais e futuras.²⁴ Isso está no cerne dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU), e segundo a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), o bem-estar animal é um bem comum e parte integrante do desenvolvimento sustentável do setor pecuário. Ele está ligado à segurança e qualidade dos alimentos, à saúde humana e animal e ao desenvolvimento rural.²⁵

A Agenda Global para a Pecuária Sustentável (GASL) definiu que *“Para ser sustentável, o crescimento do setor pecuário precisa abordar simultaneamente os principais desafios ambientais, sociais e econômicos: crescente escassez de recursos naturais, mudanças climáticas, pobreza generalizada, insegurança alimentar e ameaças globais à saúde animal e humana e ao bem-estar animal.”*²⁶

²³ Mellor et al., 2020. The 2020 Five Domains Model: Including Human–Animal Interactions in Assessments of Animal Welfare. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2076-2615/10/10/1870?utm>

²⁴ OMSA, 2025. Artigo 7.1.1. Terrestrial Animal Health Code. https://www.woah.org/fileadmin/Home/eng/Health_standards/tahc/2018/en_chapitre_aw_introduction.htm

²⁵ OMSA, 2025. Artigo 7.1.1. Terrestrial Animal Health Code. https://www.woah.org/fileadmin/Home/eng/Health_standards/tahc/2018/en_chapitre_aw_introduction.htm

Dessa forma, o bem-estar animal está conectado a todos os três pilares do ESG: Social, Ambiental e Governança/Econômico, e as empresas precisam considerar todos esses aspectos — que também são integrados — para serem sustentáveis. Um exemplo dessa conexão é como animais estressados são mais suscetíveis a doenças, o que implica na consequência direta sobre temas como resistência aos antimicrobianos (RAM), controle de zoonoses e emissão de gases de efeito estufa (GEE).

Animais doentes implicam em maior uso de medicamentos e maior mortalidade, e são menos eficientes na conversão a alimentos de alto valor biológico. Portanto, os benefícios econômicos do bem-estar animal estão relacionados a maior produtividade, longevidade e redução de perdas, bem como qualidade do produto. Como parte da estratégia de longo prazo da COBEA, há espaço para colaborar com outras organizações que se concentram em questões sociais e ambientais ligadas à pecuária, para permitir que as melhorias feitas nos sistemas existentes beneficiem todas essas dimensões.

A sustentabilidade na indústria de alimentos envolve, portanto, considerar os impactos ao longo de toda a cadeia produtiva, incluindo aspectos ambientais, sociais e de bem-estar animal. Estudos indicam que os custos associados a esses impactos podem ser significativos, mas frequentemente não são internalizados nos preços, o que limita sua consideração nas decisões ao longo da cadeia e reduz os incentivos para sua gestão. Nesse contexto, integrar progressivamente esses aspectos às decisões de produção e compra pode fortalecer sua gestão e contribuir para a transição para sistemas alimentares mais sustentáveis.²⁷

O avanço do bem-estar animal está diretamente ligado à segurança alimentar global ao promover sistemas produtivos mais eficientes e responsáveis. Boas práticas ao longo da cadeia contribuem para a melhor utilização dos recursos naturais e para maior eficiência na conversão de proteínas, reduzindo perdas, emissões e impactos ambientais, em linha com os desafios de mitigação das mudanças climáticas.

“A agenda de bem-estar animal está cada vez mais conectada aos grandes desafios da sustentabilidade global. Produzir proteína animal com responsabilidade significa considerar, de forma integrada, os impactos ambientais, sociais e econômicos do sistema produtivo. Ao promover um entendimento comum sobre esses temas, a COBEA contribui para acelerar avanços, fortalecer a confiança na cadeia e ampliar as oportunidades de desenvolvimento sustentável do setor.”

João Paulo Figueira, Gerente de Sustentabilidade, Special Dog Company

Comentário: A partir desses conceitos e referenciais reconhecidos globalmente, a questão central passa a ser como traduzi-los, na prática, para os sistemas de produção de proteína animal. Para a COBEA, isso significa reduzir progressivamente os impactos negativos e ampliar os positivos sobre o bem-estar animal.

Essa base orienta a análise do estado atual e das ambições futuras dos principais setores da agropecuária brasileira no próximo capítulo. Acreditamos que um entendimento comum dos conceitos e uma visão compartilhada sobre a direção futura, ajuda a alinhar os atores e acelerar avanços. Ao mesmo tempo, o alinhamento com referências internacionais amplia oportunidades, esclarece expectativas e orienta o papel de cada parte na cadeia.

²⁶ Schneider, F. & Tarawali, S., 2021. Sustainable Development Goals and livestock systems. *Revue Scientifique et Technique* (International Office of Epizootics), 40(2), 585-595. Disponível em: <https://www.woah.org/app/uploads/2021/05/402-20-schneider.pdf>

²⁷ Por exemplo Hendriks, S. et al., 2023. The True Cost of Food: A Preliminary Assessment. In: von Braun, J., Afsana, K., Fresco, L.O., Hassan, M.H.A. (eds) *Science and Innovations for Food Systems Transformation*. Springer, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-031-15703-5_32

03

CENÁRIO ATUAL

PANORAMA DOS SISTEMAS PRODUTIVOS

O conceito de "bem-estar animal" é amplo e abrange diferentes níveis de exigência, desde apenas evitar o sofrimento até permitir a expressão de uma ampla gama de comportamentos naturais altamente motivados. O progresso desse tema no setor de proteína animal é muitas vezes medido pelo número de empresas que assumem compromissos ou estabelecem metas para gradualmente eliminar uma determinada prática problemática. Ao mesmo tempo, existem muitos esforços valiosos de empresas para melhorar o bem-estar animal que ainda não são expressos como compromissos públicos e muito trabalho focado em implementação de boas práticas que não está sendo relatado.

Atualmente, não existe no Brasil uma visão geral consolidada sobre os diferentes sistemas de produção utilizados e sobre as práticas padrão nos principais setores. As estatísticas disponíveis em alguns setores (principalmente poedeiras e suínos) e nos relatórios de algumas grandes empresas revelam a oportunidade de ampliar a análise para abranger a produção total (incluindo pequenos produtores), o que geraria um panorama mais fiel e inclusivo do cenário nacional.

Portanto, em geral há uma necessidade de maior clareza sobre a porcentagem da produção total no Brasil que já implementa boas práticas de bem-estar animal. Essa é uma questão multifacetada e difícil de mensurar, mas, de modo geral, as informações disponíveis hoje sobre bem-estar animal na produção agropecuária brasileira indicam um cenário bastante heterogêneo entre espécies, sistemas produtivos e regiões do país. As estimativas existentes se baseiam principalmente em relatórios setoriais, compromissos corporativos, certificações voluntárias e estudos pontuais, não havendo um levantamento nacional único e padronizado que cubra toda a base produtiva.

No setor de ovos, há evidências consistentes de crescimento dos sistemas alternativos às gaiolas convencionais, como sistemas cage-free, caipira e orgânico. Ainda assim, esses modelos representam uma parcela minoritária da produção total. Uma parte das granjas brasileiras atende a critérios mais amplos de bem-estar animal, aplicando boas práticas como, por exemplo, densidade reduzida, introdução de enriquecimento ambiental e auditoria por terceiros.

Na produção de frango de corte, observa-se um movimento gradual de adoção de práticas reconhecidas como melhores para o bem-estar animal, impulsionado sobretudo por compromissos corporativos, programas internos e certificações. Esses avanços são mais visíveis em cadeias integradas e empresas de maior porte, enquanto a cobertura nacional de granjas auditadas de forma independente ainda é limitada.

Em relação aos suínos, monitoramentos e análises setoriais indicam o crescimento de iniciativas relevantes, tais como adoção substancial de gestação coletiva, ajustes de manejo e do ambiente, com compromissos públicos assumidos por algumas empresas. No entanto, a implementação dessas práticas permanece parcial, com maior concentração em produtores tecnificados e integrados, e menor penetração entre produtores independentes.

Para os bovinos de corte, a predominância histórica de sistemas extensivos a pasto no Brasil é frequentemente associada a condições consideradas relativamente favoráveis em termos de espaço disponível por animal e possibilidade de expressão de comportamentos naturais. Ainda assim, a qualidade do bem-estar pode variar conforme o manejo, as condições das pastagens, o período de confinamento e o transporte, e as práticas adotadas nas fases finais de engorda e abate.

Já na produção leiteira, a diversidade de sistemas produtivos torna difícil qualquer estimativa agregada. Há crescimento de modelos mais intensivos e tecnificados, como o compost barn, que tendem a oferecer melhores condições de conforto quando bem manejados, especialmente entre produtores de maior escala. Ao mesmo tempo, sistemas a pasto continuam presentes em várias regiões, com níveis de bem-estar que variam conforme fatores como diferenças de manejo e clima.

De forma geral, os dados disponíveis sugerem que os avanços em bem-estar animal no Brasil estão crescendo de forma contínua e gradual, e têm ocorrido de maneira mais estruturada dentro de cadeias organizadas, lideradas por empresas com compromissos públicos e maior capacidade de investimento. Entretanto, uma parcela significativa da produção ainda está fora dessas iniciativas, o que resulta em um panorama nacional marcado por grande diversidade de práticas e ritmos de adoção de boas práticas.

Cabe ressaltar que a maioria, senão todos, os desafios mencionados neste relatório são questões globais e não específicas do Brasil. Em geral, estão relacionados às condições intrínsecas nos sistemas de produção, e não a uma região específica. Cabe também esclarecer que decidimos não incluir outras espécies relevantes para a produção animal (como peru, salmão, tilápia etc.) neste relatório, a fim de concentrar a atenção naquelas de maior interesse para os atuais membros da COBEA.

GALINHAS POEDEIRAS



Em 2024, o Brasil manteve sua posição como o quinto maior produtor de ovos do mundo, ultrapassando a marca de 57 bilhões de unidades. A produção cresceu cerca de 10% em relação ao ano anterior, um avanço expressivo dentro da trajetória de evolução registrada na última década²⁸.

O setor de produção de ovos no Brasil vem passando por transformações significativas nos últimos anos, impulsionadas tanto pelas demandas de mercado quanto pelas exigências sociais relacionadas ao bem-estar animal. As mudanças abrangem desde os sistemas de produção livres de gaiolas até as inovações tecnológicas aplicadas nas fases iniciais da criação e no manejo das aves. Biossegurança melhorada e aumento do uso de vacinas no setor são exemplos destacados que tiveram um impacto substancialmente positivo.

No Brasil predominam os sistemas convencionais em gaiolas (algumas fontes citam cerca de 90%- 95%), mas cresce a adoção de modelos alternativos, como o cage-free e a produção orgânica que utilizam galpões e áreas de pastagem adaptadas à realidade nacional. O aumento da demanda por ovos de galinhas criadas livre de gaiolas acompanha uma tendência global, em que grandes redes varejistas e indústrias de alimentos se comprometem a adquirir apenas ovos livres de gaiolas como parte do trabalho de ESG e fornecimento responsável. Muitas empresas, mais de 170 no Brasil, já assumiram tais compromissos públicos²⁹. A demanda está crescendo, e considera-se que o conhecimento e a maturidade do consumidor estão progredindo lentamente, porém de forma constante.

O mercado de ovos no Brasil tem enfrentado um cenário desafiador recentemente, marcado pelos altos custos de produção — incluindo milho, soja, energia, embalagem e transporte — e pela instabilidade entre oferta e demanda, agravada pela combinação de exportações crescentes, que reduzem a oferta interna, e períodos de excesso produtivo, que pressionam preços e margens.

²⁸ Interligados, Produção de ovos no Brasil mira crescimento nas exportações. Disponível em: <https://interligados.canalrural.com.br/ovos/brasil-se-consolida-como-o-5o-maior-produtor-de-ovos-do-mundo-e-projeta-expansao-nas-exportacoes/>

²⁹ <https://observatorioanimal.com.br/en/industria/ovos/>

Além dos fatores econômicos, o setor enfrenta, mesmo com as melhorias, desafios relacionados à biossegurança e à gestão sanitária, agravados pelo risco de surtos de influenza aviária e pelo aumento das exigências regulatórias. Nesse contexto, o desafio para o setor é de equilibrar produtividade, sustentabilidade e competitividade, investindo em boas práticas de gestão e manejo, tecnologia e diferenciação de mercado para garantir sua viabilidade a longo prazo.

Principais oportunidades de melhorias atuais:

1. Sistema de confinamento e transição para modelos sem gaiolas

É amplamente reconhecido que as gaiolas restringem o comportamentos naturais das aves, como ciscar, empoleirar, tomar banho de areia e esticar as asas. A pressão de consumidores e redes de varejo por ovos livres de gaiola tem crescido, assim como a demanda por produtos certificados, mas a transição demanda investimentos necessários em infraestrutura, capacitação e adaptação do manejo.

Embora o setor tenha avançado na diferenciação de sistemas de produção e na comunicação com o consumidor, ainda há lacunas importantes, como a falta de definições padronizadas e de rotulagem clara e confiável para termos como “livre de gaiolas”, o que pode gerar confusão e comprometer a confiança do mercado.

Além disso, o perfil independente da produção de ovos — em contraste com a integração comum na avicultura de corte — faz com que pequenos e médios produtores enfrentem maiores desafios para atender às novas exigências, aumentando o risco de concentração do setor. A transição pode ser facilitada por estratégias de adaptação, como a conversão de galpões antes utilizados na produção de frangos de corte para sistemas livres de gaiola, mas isso exige apoio técnico e financeiro. Para que a evolução do mercado acompanhe a demanda, é fundamental combinar padronização, auditoria independente e mecanismos de financiamento que viabilizem a adaptação.

2. Práticas invasivas

Um problema grande citado em termos de bem-estar animal no setor é a prática de muda forçada que muitas vezes é feita para aumentar a vida produtiva da galinha. No entanto, sempre está associada a um aumento substancial da mortalidade. Segundo representantes do setor, essa prática tinha diminuído, mas começou a voltar nos últimos anos. Considera-se que tem a ver com o fato de o mercado de ovos ser imprevisível e com bastante flutuações, e que contratos de maior prazo e com preço mais constante seria importante para aliviar essa pressão. Segundo especialistas, os produtores não gostam dessa prática, mas muitos a utilizam para estender a vida produtiva da galinha ou às vezes esticar um ciclo para evitar venda em um momento ruim do mercado.

Bicagem de penas e canibalismo são problemas recorrentes em criações que utilizam uma densidade de alojamento mais elevada, acarretando maior incidência de lesões, estresse e até mortalidade. A apara e/ou corte de bico ainda são práticas comuns a fim de mitigar esse problema, mas controversas do ponto de vista de bem-estar. Métodos alternativos como apara por infravermelho, combinados com enriquecimento ambiental, são menos invasivos e com potenciais benefícios para o bem-estar, sem comprometer o desempenho produtivo.

No entanto, ainda é necessário mais trabalho para permitir eliminar totalmente o problema. O fornecimento de enriquecimento ambiental, como brinquedos, pedras de cascalho e outros objetos manipuláveis, tem demonstrado reduzir a bicagem de penas e os danos à plumagem, ainda que de forma moderada. Porém, pesquisas indicam que o enriquecimento deve ser associado a outras estratégias de manejo para alcançar melhores resultados³⁰.

³⁰ Por exemplo Guimaraes et al., 2025. Bem-estar e enriquecimento ambiental na criação de aves de produção – uma revisão. doi: 10.32406/v8n1/2025/85-99/agrariacad

³¹ Website do Câmara dos Deputados, Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/1102040-COMISSAO-APROVA-PROJETO-QUE-PROIBE-DESCARTE-DE-PINTINHOS-COM-METODOS-CRUEIS>

3. Descarte de pintinhos machos

Um dos maiores desafios éticos da avicultura de postura é o descarte de pintinhos machos recém- eclodidos. No Brasil já tramita projeto de lei que proíbe essa prática e estimula o uso de tecnologias de sexagem in ovo³¹. Métodos como a espectroscopia Raman, a espectroscopia de fluorescência e a visão de máquina apresentam resultados promissores, pois permitem identificar o sexo dos embriões em estágios iniciais, antes do desenvolvimento de percepção dolorosa. Com isso, os ovos machos podem ser destinados à indústria alimentícia, reduzindo perdas econômicas. Uma primeira empresa no Brasil já está implementando essa metodologia; no entanto, o custo de aplicação ainda é elevado, o que por enquanto limita sua adoção em maior escala.



Recomendações estratégicas para avicultura de postura

Nossas recomendações e prioridades estratégicas para o setor, alinhadas à visão da OMSA e ao modelo dos Cinco Domínios, são:

- *Estimular a transição para sistemas livres de gaiolas* através do aumento da capacitação, apoio aos produtores, conscientização de consumidores e maior colaboração entre produtores e compradores. Também é recomendado priorizar o manejo adequado das frangas nas fases iniciais, pois as primeiras experiências de vida influenciam diretamente o comportamento, bem-estar e saúde das poedeiras adultas.
- *Eliminar a prática da muda forçada* e trabalhar para controle de comportamentos agonísticos, evitando ou minimizando práticas aversivas de apara de bico, principalmente a corte em V com lâmina aquecida que é considerado mais agressivo e tende a afetar negativamente o desempenho das aves, aumentando a mortalidade precoce.
- *Continuar desenvolvendo as alternativas ao descarte de pintinhos machos* e a acessibilidade dessas tecnologias/equipamentos — isso será necessário para a futura aceitabilidade da indústria. Conforme a tecnologia se torna mais acessível, é provável que empresas adicionais sigam esse movimento.

Para superar os desafios enfrentados pelo setor de ovos, será essencial adotar uma combinação de qualidade e eficiência produtiva, inovação e cooperação setorial. A automação, o monitoramento de desempenho e o controle sanitário rigoroso podem contribuir para reduzir perdas e aumentar a resiliência frente à volatilidade de insumos. Paralelamente, a diversificação de produtos pode abrir novas oportunidades em nichos de maior valor agregado e reforçar a imagem positiva do setor junto aos consumidores. O fortalecimento de estratégias de mercado e planejamento de oferta também é crucial para reduzir oscilações de preço, e monitoramento e compartilhamento de melhores práticas são importantes para facilitar a padronização.

“A Mantiqueira Brasil segue com fortes investimentos na construção de unidades produtoras de aves livres de gaiolas, utilizando de tecnologia e inovação com foco em bem-estar animal.”

André Carreira Carlos, Gerente Executivo de Avicultura, Mantiqueira Brasil

FRANGOS DE CORTE

Brasil se destaca como um dos maiores produtores e exportadores de carne de frango do mundo, uma posição que reforça a oportunidade estratégica de liderar em práticas que conciliem eficiência produtiva, qualidade e responsabilidade socioambiental. Com um volume de abate de quase 6,5 bilhões de frangos de corte em 2024 ³², a estrutura produtiva, concentrada em grandes empresas e cooperativas relevantes, tem o potencial e a escala necessária para impulsionar transformações significativas em toda a cadeia.

O setor de frango de corte no Brasil navega em um cenário de custos elevados e pressões sanitárias, como a influenza aviária, que demandam uma gestão técnica rigorosa e investimentos contínuos. O próximo ciclo de inovação deve estar focado em harmonizar alta produtividade com indicadores de bem-estar animal cada vez mais robustos. O setor busca atualmente avançar em temas como a evolução genética, a otimização das densidades de alojamento e a excelência das condições de ambiência, buscando soluções para questões como miopatias musculares, saúde locomotora e conforto térmico.

Nos últimos anos, padrões internacionais mais rigorosos têm pressionado a cadeia de frango de corte a adotar práticas como menor densidade de alojamento, luz natural, enriquecimento ambiental, melhorias genéticas e métodos de insensibilização mais adequados. Esses pontos, demandados pelo programa internacional Better Chicken Commitment, têm sido identificados como fatores importantes que geram perdas quantitativas na carne, lesões, contusões, fraturas, maior taxa de exsudação das carnes e, mais grave, mortalidade ³³. A visão dessa iniciativa, que já conseguiu aderência de mais de 600 empresas globalmente ³⁴, é, portanto, que um manejo eficiente, além de garantir boas condições de bem-estar aos animais e melhor qualidade da carne, também diminui os prejuízos econômicos na produção de frangos.

³² <https://www.canalrural.com.br/agricultura/brasil-registra-recorde-no-abate-de-bovinos-frangos-e-suinos/>

³³ <https://betterchickencommitment.com/br/>

³⁴ <https://chickenwatch.org>

Principais oportunidades de melhorias atuais:

1. Evolução genética

A seleção genética voltada ao rápido ganho de peso permanece como um dos principais fatores limitantes para o bem-estar de frangos de corte no Brasil e no mundo. As linhagens comerciais de crescimento acelerado apresentam alta eficiência alimentar, mas, em contrapartida, estão associadas a problemas locomotores, deformidades ósseas, miopatias musculares como white striping e wooden breast, e distúrbios metabólicos que comprometem o bem-estar animal assim como a saúde do frango, e a qualidade e o valor comercial da carne ³⁵.

Embora linhagens de crescimento intermediário ofereçam melhores resultados em termos de bem-estar, sua adoção ainda é restrita por custos e maior tempo de produção. Estão em andamento novos projetos para facilitar a produção comercial de linhagens de frango com maior potencial de bem-estar no Brasil. Adicionalmente, estudos indicam que o exercício voluntário e o enriquecimento ambiental, como estímulos luminosos que promovem movimentação, podem reduzir a severidade das miopatias e melhorar o bem-estar animal e a qualidade da carne ³⁶.

2. Ambiência

Garantir um ambiente interno ideal para as aves é uma prioridade contínua, especialmente diante das condições climáticas do Brasil. A modernização dos galpões e a adoção de tecnologias de climatização, tais como sistemas de pressão negativa e resfriamento evaporativo, são tendências crescentes no setor, embora sua implementação ainda seja desigual entre regiões e tipos de produção, resultando em variações significativas na qualidade do ambiente interno. O controle térmico é essencial para prevenir o estresse ocasionado pelas intempéries climáticas, que afetam diretamente a fisiologia, o comportamento e o bem-estar das aves.

3. Padronização de manejo e abate humanitário

A capacitação contínua das equipes e a padronização de protocolos de manejo são pilares para a excelência operacional e para a consolidação de uma cultura sólida de bem-estar animal em toda a cadeia produtiva. O foco do setor deve ser continuar a fortalecer uma cultura de bem-estar animal em toda a cadeia, promovendo a consistência na aplicação das melhores práticas, desde a granja até o processamento industrial. O aprimoramento constante das práticas de manejo visa otimizar a saúde dos pés e a integridade física das aves, refletindo o compromisso com a qualidade em todas as etapas. Procedimentos padronizados, combinados com treinamentos periódicos, ajudam a reduzir variações na operação e a garantir conformidade técnica.

Da mesma forma, assegurar a máxima eficácia e consistência dos métodos de insensibilização pré-abate é um compromisso central e inegociável. Para isso, o setor deve seguir investindo em tecnologia e capacitação, e garantir, por meio de monitoramento contínuo e controle de processo, um abate verdadeiramente humanitário, com altos padrões de bem-estar animal, qualidade e conformidade.

³⁵ Por exemplo Petracci et al., 2019. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33336940/>

³⁶ Por exemplo Hisasaga e Makagon, 2024. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC11472612/>

Recomendações estratégicas para avicultura de corte

Nossas recomendações e prioridades estratégicas para o setor, alinhadas à visão da OMSA e ao modelo dos Cinco Domínios, são:

- *Avançar em programas genéticos mais equilibrados:* O setor deve priorizar o desenvolvimento e a adoção de linhagens que combinem conversão alimentar eficiente com saúde e robustez fisiológica..
- *Transformar o enriquecimento ambiental em padrão de excelência:* O enriquecimento ambiental é uma das ferramentas de maior impacto e eficiência para elevar o bem-estar. A introdução de estímulos como poleiros, plataformas, fardos de feno ou maravalha e substratos para ciscar, que promovem comportamentos naturais, representa uma ponta de inovação acessível e de alto retorno para a produção convencional brasileira.
- *Otimizar a gestão do ambiente:* Deve-se monitorar rigorosamente a temperatura e umidade para evitar o estresse por calor/frio, além de respeitar o ritmo biológico das aves com ciclos adequados de luz e descanso. Esse manejo, aliado a densidades moderadas, favorece o comportamento natural, reduz a mortalidade e garante o equilíbrio entre o bem-estar animal e a produtividade final.
- *Garantir um foco estratégico no bem-estar das matrizes:* A saúde e o bem-estar das matrizes são a base de toda a cadeia. O manejo de precisão nessa fase é crucial para mitigar desafios específicos, como distúrbios metabólicos e de saúde locomotora. O monitoramento sistemático das condições de saúde e ambiente ao longo de todo o ciclo produtivo é indispensável para garantir a longevidade e o bem-estar desses animais.

A liderança do setor pode ser fortalecida a partir de uma abordagem integrada que combine inovação tecnológica, boa gestão, alinhamento às demandas de mercado e políticas públicas. A capacitação contínua das equipes em comportamento animal, ambiência e biossegurança é fundamental para incorporar o bem-estar às rotinas de manejo. Nesse contexto, o uso de indicadores objetivos — como mortalidade, lesões e comportamento — aliado a tecnologias de monitoramento permite decisões mais rápidas e baseadas em dados, com ganhos de desempenho e redução do sofrimento animal.

A incorporação de indicadores de bem-estar animal em auditorias, certificações e políticas públicas contribui para fortalecer a reputação do Brasil como um produtor competitivo e comprometido com uma avicultura mais sustentável. A modernização das instalações, somada à maior integração com a indústria e à adoção de certificações e sistemas de rastreabilidade, pode aumentar a resiliência econômica das granjas, agregar valor ao produto e facilitar o acesso a mercados mais exigentes, como a União Europeia e a Ásia.



SUÍNOS

A suinocultura brasileira vive um momento notável de expansão. Entre 2015 e 2023, a produção de carne suína no Brasil saltou de cerca de 3,4 milhões para 5,2 milhões de toneladas, um crescimento de 54%, e em 2024 o volume estimado superou 5,3 milhões de toneladas ³⁷. O setor tem consolidado ganhos expressivos em produtividade, impulsionados por avanços genéticos, nutricionais e de manejo, reforçando o papel do Brasil como um dos principais produtores e exportadores globais.

O setor avança nas iniciativas de bem-estar animal como, por exemplo, a adoção de sistemas melhores de alojamento, com destaque para a gestação coletiva e, iniciando aos poucos, a maternidade livre de gaiola. Estima-se que cerca de 45% das matrizes já estejam em baias de gestação coletivas e que 62% do plantel esteja comprometido com essa transição ³⁸, impulsionada por compromissos empresariais e pela Instrução Normativa 113/2020, que exige adequação total até 2045. Da mesma forma, a indústria se antecipa às exigências legais (previstas para 2030) ³⁹ na eliminação de práticas dolorosas, como a castração cirúrgica sem controle da dor. Esses movimentos indicam que o setor está em uma fase de transição estrutural planejada, na qual empresas pioneiras abrem caminho para a consolidação das melhores práticas em toda a cadeia.

O Brasil se destaca como líder mundial na adoção da imunocastração, com cobertura superior a 90% em algumas integrações ⁴⁰. A técnica melhora a qualidade da carne, evita o odor sexual, reduz gordura indesejada e contribui para menor impacto ambiental, além de representar um avanço significativo para o bem-estar. O próximo passo estratégico é fortalecer o manejo associado a essa técnica e universalizar sua adoção, garantindo que seus benefícios se estendam a todos os segmentos de produtores.

³⁷ Por exemplo Guimaraes et al., 2025. Bem-estar e em <https://www.gov.br/conab/pt-br/assuntos/noticias/producao-de-carnes-ultrapassa-31-milhoes-de-toneladas-em-2024-e-atinge-novo-recorde-na-serie-historica?utm>

³⁸ ALIANIMA. Relatório Observatório Suíno 2025. Disponível em: <https://observatoriosuino.com.br/S>

³⁹ ALIANIMA. Relatório Observatório Suíno 2023. Disponível em: https://observatorioanimal.com.br/wp-content/uploads/2024/11/20240208_015_ALI_Observatorio_Suino_2023_A4_V05.pdf

Outros pontos de oportunidade incluem o corte de cauda ainda um dos principais gargalos — e desafios no manejo de maternidade e na prevenção de lesões. Superar esses entraves depende de inovação tecnológica, capacitação contínua e melhor retenção de mão de obra no campo. Também é fundamental reforçar a biossegurança e a vacinação, e continuar o trabalho com redução do uso de antimicrobianos para ser cada vez mais competitivo nos mercados globais.

Principais oportunidades de melhorias atuais:

1. Transição para sistemas com melhores condições de bem-estar animal

As celas de gestação vêm sendo questionadas por favorecerem estresse, problemas locomotores e imunológicos, e, embora a gestação coletiva tenha avançado no Brasil, sua adoção ainda é desigual e depende de investimentos em infraestrutura, capacitação das equipes e apoio estruturado no cumprimento dos prazos legais.

Situação semelhante ocorre nas maternidades, onde as celas fixas continuam amplamente utilizadas, apesar de haver modelos de maternidade livres de gaiolas que oferecerem benefícios comprovados ao bem-estar. Há um crescente interesse em ampliar as áreas destinadas às matrizes durante o parto e a lactação, favorecendo o importante conforto e o comportamento natural dos animais. Esses novos sistemas, no entanto, exigem mudanças nas práticas de gestão e capacitação dos funcionários operacionais.

2. Lesões, claudicação e procedimentos invasivos

A caudectomia vem sendo cada vez mais questionada, e há discussões no Brasil e em outros países sobre a necessidade da sua eliminação gradual. O grande obstáculo é que a mordedura de caudas resulta de vários fatores de manejo — como ventilação inadequada, lotação elevada, falta de estímulos e problemas nutricionais —, o que exige soluções integradas e mudanças estruturais nas granjas. Essa área representa uma fronteira de inovação para a suinocultura brasileira.

Superar os desafios associados ao corte de cauda por meio de enriquecimento ambiental, nutrição melhorada e manejo de precisão devem ser uma prioridade para o setor. A transição para sistemas que mantêm as caudas intactas depende de investimentos, capacitação e adaptação do manejo, tornando o processo lento e complexo. A caudectomia parcial, quando bem executada, tende a causar menos impacto no bem-estar.

Adicionalmente, a saúde locomotora continua sendo um desafio nas granjas brasileiras, com alta prevalência de lesões de casco que afetam reprodução, comportamento dos leitões e desempenho produtivo. Monitoramento constante, tratamento adequado, ajustes nutricionais e melhorias estruturais são essenciais para reduzir descarte precoce e perdas econômicas. Deve-se dizer, no entanto, que já houve avanços importantes no manejo de leitões, com maior eliminação do desgaste de dentes e da moessa, além do desenvolvimento de alternativas para substituir essas práticas.

3. Inconsistências no manejo e no monitoramento

A mortalidade de matrizes é multifatorial, mas pode ser reduzida com melhorias na biossegurança, manejo e condições de bem-estar na gestação e lactação, que consequentemente aumentam a longevidade produtiva e melhoram o desempenho dos leitões. Enriquecimento funcional — ainda pouco usado — também contribui para melhorias no bem-estar.

⁴⁰ MORAES, Paulo et al. Imunocastração de suínos: aspectos técnicos e científicos. Embrapa Suínos e Aves, 2017. ZOETIS. Improvest – Technical Summary for Brazil. 2022.



Recomendações estratégicas para a suinocultura

Nossas recomendações e prioridades estratégicas para o setor, alinhadas à visão da OMSA e ao modelo dos Cinco Domínios, são:

- *Incentivar a transição estrutural nas granjas*, como a conversão de instalações convencionais para sistemas de gestação coletiva e maternidade livre de gaiola, exige investimento de longo prazo. Sugere-se a criação de linhas de crédito específicas, incentivos fiscais e programas públicos de apoio técnico especialmente voltados a pequenos e médios produtores independentes.
- *Elevar o padrão de enriquecimento ambiental*: A ausência de materiais manipuláveis e estímulos adequados nas instalações favorece a ocorrência de animais frustrados e comportamentos anormais, como mordedura de cauda e agressividade. Incorporar o enriquecimento ambiental de forma sistemática, funcional e consistente é essencial para reduzir o estresse e promover comportamentos naturais.
- *Consolidar gestão baseada em indicadores objetivos de bem-estar animal*, incorporando auditorias, sistemas digitais de monitoramento e integração com plataformas de rastreabilidade. O avanço nessa área depende também da padronização de boas práticas de manejo que sirvam de referência para toda a cadeia produtiva.
- *Fortalecer a saúde do rebanho e o uso responsável de antibióticos*: A estratégia é intensificar o investimento em saúde animal preventiva, com foco em biossegurança rigorosa, programas de vacinação de alta performance, nutrição funcional e enriquecimento ambiental. A capacitação contínua das equipes e a adoção de indicadores objetivos de bem-estar é fundamental para detecção precoce de desafios, consolidando o uso racional de medicamentos.

O setor ainda enfrenta desafios de capacitação e de cultura organizacional, pois muitos profissionais não recebem treinamento contínuo e ainda enxergam bem-estar animal como custo e não como investimento na rentabilidade e resiliência da granja. A adoção de boas práticas depende do cenário de mercado e da disponibilidade de apoio e incentivos, reforçando a importância de desmistificar o tema e focar em soluções aplicáveis no dia a dia.

Além disso, o uso de antimicrobianos permanece como ponto de atenção. O fortalecimento da biossegurança e a otimização de programas de vacinação são pilares para a saúde do rebanho e a competitividade global, acelerando a importante redução do uso de antimicrobianos.

Para consolidar uma produção brasileira baseada em boas práticas de bem-estar animal e com o mínimo de procedimentos invasivos, é necessário um plano de ação integrado que una metas graduais, capacitação contínua e apoio técnico e financeiro aos produtores. Isso envolve ampliar o uso de alternativas já consolidadas — como imunocastração, enriquecimento ambiental e manejo preventivo para gradualmente poder reduzir corte de cauda e desgaste de dentes —, além de garantir analgesia e anestesia quando a eliminação completa dessas práticas ainda não for possível.

Programas de treinamento padronizados, monitoramento de indicadores e incentivos para modernização das instalações acelerariam essa transição, sem comprometer produtividade ou competitividade. O uso de indicadores objetivos e alinhados contribui para elevar o nível de conformidade e competitividade da cadeia produtiva, e permite direcionar ações corretivas e fortalecer a integração entre bem-estar animal, rendimento industrial e qualidade da carne.

A evolução do setor depende de transformar bem-estar animal em valor agregado com a adoção de práticas que melhorem desempenho, reduzam perdas e fortaleçam a reputação da cadeia. Essa mudança exige coordenação entre produtores, indústria, técnicos, autoridades e pesquisa, com disseminação de soluções já validadas e protocolos de manejo humanitário.

"Quando assumimos o compromisso da gestação coletiva, o consenso no setor era de que seria impossível implementá-lo no Brasil. Não havia legislação, não havia modelos consolidados e os desafios técnicos, econômicos e sociais eram enormes. A Seara decidiu fazer antes da lei e provar que era possível.,

José Antônio Ribas Junior, diretor executivo de Agropecuária, Seara.



BOVINOS DE CORTE

A pecuária de corte brasileira desempenha um papel central na produção global de carne bovina, tanto pelo volume quanto pela relevância econômica. O setor tem avançado de forma consistente em bem-estar animal, impulsionada tanto por exigências de mercado quanto por ganhos reconhecidos em produtividade e qualidade da carne. Grandes frigoríficos e programas de certificação têm estimulado melhorias nas práticas de manejo, transporte e abate. Nos últimos anos, aumentou a adoção de protocolos baseados em indicadores que reduzem o estresse e o risco de contusões. Além disso, há maior conscientização sobre a importância de treinamento contínuo dos trabalhadores e de infraestrutura adequada para movimentação dos animais.

No campo, observa-se uma crescente atenção ao conforto e à saúde dos bovinos. Assim como todo gado, o gado de corte é altamente motivado a pastar, e a ampliação de sistemas a pasto com manejo rotacionado, sombreamento natural e acesso a água de qualidade são importantes para o bem-estar e o desempenho produtivo. Em confinamentos e semiconfinamentos, tem se expandido o uso de ventilação, aspersão e enriquecimento ambiental, reduzindo o estresse por calor. Paralelamente, pesquisas e programas de extensão têm reforçado boas práticas de desmame, castração e marcação, com incentivo ao uso de analgesia e anestesia, práticas que começam a ser incorporadas mais amplamente.

As principais tendências incluem maior foco na fase de cria, valorização da estimulação tátil, melhorias de ambiência como oferta de sombra, redução do uso de antibióticos e maior padronização dos manejos. Um exemplo é a modernização dos métodos de identificação e pesquisas que mostram que a marcação a fogo prejudica o bem-estar e é menos eficiente do que brincos eletrônicos ou visuais.

Como consequência, em 2024 o governo de São Paulo retirou a obrigatoriedade da marcação a fogo em animais vacinados contra brucelose e autorizou o uso de botões auriculares, medida aprovada pelo Mapa e considerada um marco importante para o setor ⁴¹.

Apesar dos avanços, ainda há grande variabilidade entre propriedades e regiões, e o monitoramento de indicadores de bem-estar nem sempre é sistemático. Os maiores desafios são encontrados em manejo inadequado, transporte prolongado e pouco monitorado, falhas no abate e na lenta adoção de tecnologias e boas práticas em partes do setor. Esses fatores afetam não apenas o bem-estar animal, mas também a produtividade e a qualidade da carne bovina brasileira.

Principais oportunidades de melhorias atuais:

1. Manejo em pasto e confinamento

A jornada de aprimoramento contínuo do setor deve focar em refinar as práticas de manejo para maximizar o bem-estar e a eficiência. As prioridades incluem a adoção de manejos de baixo estresse, como o desmame racional, e a garantia de conforto térmico em todas as fases da criação. O setor deve avançar na transição para métodos de identificação modernos e menos invasivos, como brincos eletrônicos em substituição a práticas tradicionais como a marcação a fogo.

Há também oportunidades de melhorias na otimização da saúde dos bezerros e no controle da dor em procedimentos invasivos como a castração e a descorna. A capacitação contínua das equipes é um pilar central que promove uma cultura de manejo racional que aumenta a segurança, a produtividade e o bem-estar dos animais.

2. Transporte de animais

Dada a extensão geográfica do Brasil, o transporte rodoviário de longas distâncias ainda é um desafio, pois pode causar estresse, desidratação, lesões e perda de qualidade da carne. Oportunidades de melhoria são necessárias para melhorar a eficiência na logística de transporte e consequente bem-estar dos animais. As condições dos caminhões, e principalmente das estradas, nem sempre garantem ventilação e conforto, e a falta de treinamento de motoristas e manejadores contribui para o problema.

Ainda não há protocolos padronizados para monitorar o bem-estar durante o transporte, o que dificulta o controle e a melhoria das práticas, e faltam ferramentas validadas para monitorar o transporte de forma padronizada. Tecnologias como câmeras com inteligência artificial e sensores oferecem alternativas promissoras para medir indicadores em tempo real, mas seu uso ainda é limitado.

3. Abate e impacto na qualidade da carne

O manejo pré-abate é uma etapa estratégica para garantir o bem-estar animal e a qualidade final dos produtos, e envolve desde a condução calma dos animais até o monitoramento rigoroso para assegurar 100% de eficácia na insensibilização. O investimento em instalações adequadas e principalmente na capacitação contínua das equipes é a principal ferramenta para garantir um processo humanitário que resulte em um produto de qualidade superior.

Dada a grande variedade de frigoríficos no Brasil, de acordo com os diferentes sistemas de inspeção, há um desafio de controle, principalmente nos estabelecimentos de médio e pequeno porte, no monitoramento de indicadores e ações que promovam melhor bem-estar dos animais nessa etapa.

Recomendações estratégicas para a bovinocultura de corte

Nossas recomendações e prioridades estratégicas para o setor, alinhadas à visão da OMSA e ao modelo dos Cinco Domínios, são:

- *Substituir práticas dolorosas no manejo diário*, como marcação a fogo, castração e descorna, por métodos menos invasivos, garantindo anestesia e analgesia quando procedimentos forem inevitáveis. Também há oportunidades para reduzir o desconforto como, por exemplo, assegurar conforto térmico, com sombra natural ou artificial em pastagens, confinamento e áreas de espera, além de ventilação e aspersão em confinamentos. Operações de manejo, como identificação, vacinação e manejo reprodutivo, devem ser planejadas e realizadas com calma, a fim de minimizar dor, estresse e acidentes. Adicionalmente, o desmame deve ser gradual e de baixo estresse, com contato visual e auditivo entre os animais (lado a lado), e promoção de experiências positivas desde o nascimento.
- *Melhorar condições no transporte*, sendo essencial planejar rotas mais curtas, controlar períodos de jejum e utilizar veículos adaptados, com ventilação adequada, espaço suficiente e superfícies antiderrapantes. Motoristas e manejadores devem ser treinados, animais inaptos não devem ser embarcados, e as instalações devem ser vistoriadas para reduzir quedas, batidas e contusões.
- *Consolidar protocolos de manejo racional e técnicas de baixo estresse no abate*, assegurando a verificação rotineira da insensibilização e a capacitação contínua das equipes. A condução dos animais deve ser calma, com instalações adequadas, planejamento prévio das operações e uso mínimo de bastão elétrico.

⁴¹ Canal Pecuarista, Marcação a fogo de bovinos deixa de ser obrigatoria em São Paulo. Disponível em: <https://canalpecuarista.com.br/noticia/15000/marcacao-a-fogo-de-bovinos-deixa-de-ser-obrigatoria-em-sao-paulo>



Ao longo de toda a cadeia, é fundamental fortalecer e padronizar práticas de bem-estar animal por meio de normas claras, critérios objetivos de avaliação, auditorias periódicas e integração entre produtores, indústrias e órgãos reguladores. Recentemente, a Mesa Brasileira de Pecuária Sustentável publicou Bem-estar animal - Guia de recomendações sobre como melhorar o bem-estar dos bovinos no Brasil, uma ferramenta importante e valiosa nesse processo ⁴².

O bem-estar deve ser integrado a sanidade e sustentabilidade, com indicadores simples, alinhados a padrões internacionais, e incentivos econômicos para práticas de destaque. Monitorar rotineiramente indicadores de bem-estar, especialmente em momentos críticos como desmama, adaptação ao confinamento e chegada dos animais à fazenda, contribui para reduzir o uso de antibióticos e aplicar princípios de saúde única de forma consistente.

Há grande potencial no uso crescente de tecnologias como sensores, câmeras inteligentes, aplicativos de avaliação, termografia por IA, drones e brincos inteligentes, especialmente no monitoramento e na análise de lesões, que oferecem feedback direto para aprimorar o manejo e gerar avanços concretos em bem-estar animal. Para avançar de forma consistente, é necessário combinar melhorias práticas no campo, capacitação de pessoas e incentivos institucionais, além de valorizar o papel das pastagens bem manejadas na produtividade e na mitigação da crise climática.

Adicionalmente, sistemas como a Integração Lavoura-Pecuária-Floresta (ILPF) e os modelos silvipastoris têm mostrado benefícios claros ao melhorar o microclima, reduzir o estresse térmico e preservar o comportamento natural dos animais. Porém ainda são pouco adotados, indicando um amplo espaço para expansão e para a consolidação do bem-estar animal como um pilar de sustentabilidade e eficiência da pecuária brasileira.

“Participar do projeto ‘Cada Bezerro Importa’ reforça nosso compromisso com a evolução da pecuária brasileira. Ao apoiar os produtores na fase de cria, contribuimos para melhorar índices zootécnicos, promover o bem-estar animal e ampliar a oferta de animais mais saudáveis e produtivos ao longo da cadeia.”

Emília Raucci, diretora de qualidade, JBS/Friboi.

BOVINOS DE LEITE



O bem-estar animal na bovinocultura leiteira vem avançando no Brasil, e muitas fazendas já perceberam que investir em conforto, saúde e manejo adequado melhora eficiência, reduz perdas e aumenta a rentabilidade. Esse movimento também estimula os produtores a acompanhar referências internacionais e identificar inovações que tragam retorno econômico real. Ao integrar bem-estar, tecnologia e gestão eficiente, o setor cria um ciclo virtuoso que melhora o desempenho produtivo e fortalece a competitividade das propriedades. A expansão do sistema compost barn no país exemplifica esse movimento: instalações modernizadas muitas vezes oferecem melhor conforto térmico e físico, reduzem problemas sanitários e facilitam a adoção de práticas de manejo mais avançadas.

A adoção de boas práticas no período de transição, no controle de mastite e na prevenção de distúrbios metabólicos também tem crescido, impulsionada por programas de capacitação e pela percepção crescente de que a saúde é um pilar fundamental da eficiência. Outro avanço importante é a adoção gradual de tecnologias de monitoramento do bem-estar, com sensores, câmeras e inteligência artificial capazes de avaliar em tempo real parâmetros como ruminação, locomoção, ingestão e comportamento.

A criação de bezerros machos está passando por uma mudança importante, e um foco atual no setor é de aumentar o investimento e demonstrar a viabilidade em adotar padrões mais altos desde o nascimento até a desmama e fase de transição. Isso inclui reforçar a responsabilidade do produtor na qualidade da colostragem, no manejo sanitário e na oferta de condições adequadas de alojamento. As boas práticas vêm sendo ampliadas tanto para machos quanto para fêmeas, com a ideia de que ambos precisam receber cuidados equivalentes para garantir saúde, crescimento adequado e bem-estar. Esse avanço na fase inicial e crítica da vida de fato aumenta a produtividade, fortalece um manejo mais profissional e reduz perdas futuras.

⁴² Mesa Brasileira de Pecuária Sustentável, 2025. Bem-estar animal - Guia de recomendações sobre como melhorar o bem-estar dos bovinos no Brasil. Disponível em: <https://pecuariasustentavel.org.br/website/wp-content/uploads/2025/06/guia-bea-mbps-2025-vf.pdf>

Há potencial de melhorias no setor como ainda há grande variação entre regiões e os sistemas produtivos. Os principais desafios permanecem ligados à saúde e longevidade das vacas, ao conforto térmico e físico, ao manejo neonatal, ao destino dos bezerros machos e à capacitação dos produtores. Além disso, especialistas apontam a necessidade de desenvolver critérios mais adequados para avaliar a aptidão de bezerros para transporte, reforçar a biossegurança nas fazendas e reduzir o uso de antimicrobianos.

“Nós percebemos bastante evolução no setor, principalmente nos últimos anos com a temática de bem-estar animal já sendo predominante. O interesse dos produtores está crescendo e vejo eles cada vez mais implementando boas práticas.”

Humberto Carvalho, Gerente de Qualidade do Leite, Danone Brasil

Principais oportunidades de melhorias atuais:

1. Saúde e longevidade das vacas

Continuam sendo observados no setor alta incidência de mastite, problemas de casco e doenças metabólicas (como cetose e acidose), que comprometem o bem-estar e reduzem a vida produtiva. Isso gera taxas elevadas de descarte precoce e segundo especialistas, vacas raramente completam mais de três lactações em muitos sistemas, o que indica falhas de bem-estar e de manejo preventivo. Ainda falta conhecimento para poder diagnosticar e acesso consistente aos medicamentos.

2. Criação de bezerras/bezerros

Apesar dos avanços na pecuária leiteira brasileira, persistem desafios significativos relacionados ao bem-estar de bezerras e bezerros. Observam-se alta prevalência de diarreia e ganho de peso insuficiente, o que compromete não apenas o bem-estar, mas também a produtividade futura do rebanho. Além disso, práticas como o alojamento social precoce ainda são pouco difundidas, embora comprovadamente melhorem fatores como o desenvolvimento cognitivo, o comportamento e a ingestão alimentar ⁴³. O sistema tropical, baseado em casinhas individuais, é predominante no país, mas pesquisas mostram que o alojamento em pares ou pequenos grupos favorece a socialização, o crescimento e o consumo de alimentos sólidos sem prejudicar a saúde ⁴⁴.

Outro ponto sensível é o destino dos bezerros machos, que muitas vezes recebem cuidados inferiores e, em casos extremos, são descartados de forma inapropriada. Essa prática tem gerado crescente preocupação ética e social, refletida em propostas legislativas como o Projeto de Lei nº 210/2023 ⁴⁵, que visa proibir o descarte inadequado desses animais. O tema exige soluções integradas, tal como melhor manejo neonatal, incentivo ao uso de sêmen sexado quando viável, e o desenvolvimento de mercados sustentáveis para bezerros machos, equilibrando bem-estar, viabilidade econômica e expectativas da sociedade.

⁴³ Por exemplo Costa, Keyserlingk e Weary, 2016. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26874423/>

⁴⁴ Por exemplo Costa, Keyserlingk e Weary, 2016. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26874423/>

⁴⁵ Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, 2023 https://www.al.sp.gov.br/spl/2023/03/Propositura/1000485436_1000622719_Propositura.pdf

3. Alojamento e manejo adequado

Estudos mostram que o acesso ao pasto, mesmo de forma parcial, melhora significativamente o bem-estar das vacas leiteiras, favorecendo estados emocionais mais positivos, maior conforto no período seco, melhor desempenho produtivo e comportamentos mais saudáveis no periparto ⁴⁶. Independentemente do sistema, a escolha da cama continua sendo um ponto crítico, devendo priorizar o conforto e, depois, a compatibilidade com o manejo de dejetos e o custo.

O avanço do sistema compost barn no Brasil demonstra que a modernização das instalações pode criar condições mais adequadas para vacas leiteiras — com melhor conforto, bem-estar e produtividade. Em algumas fazendas, esse tipo de instalação pode também favorecer o manejo conjunto do rebanho, abrindo potencial para adoção de cria em grupo e com indicações de efeitos positivos em termos de desenvolvimento e socialização.

Para que essas melhorias cheguem ao campo, é essencial que a informação seja compreendida e defendida pelo produtor, o que demanda forte investimento em capacitação — especialmente diante da alta rotatividade e da limitação técnica de grande parte da mão de obra, fornecedores colaboradores.



⁴⁶ Por exemplo Crump et al., 2019. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC6912433> e <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31683918/>

Recomendações estratégicas para a bovinocultura de leite

Nossas recomendações e prioridades estratégicas para o setor, alinhadas à visão da OMSA e ao modelo dos Cinco Domínios, são:

- *Melhorar o manejo e o comportamento humano*, pois o bem-estar das vacas está fortemente ligado à forma como elas são manejadas. Treinamentos contínuos das equipes sobre manejo calmo e leitura do comportamento animal ajudam a reduzir o medo e o estresse, melhorando o fluxo na ordenha e a produção de leite. É importante tornar os processos simples, acessíveis e baratos, mostrando no dia a dia o que funciona e facilitando tarefas como anotações e tratamentos — pois quanto mais fácil for para o trabalhador, maior a chance de execução correta e consistente.
- *Melhorar a saúde e o bem-estar dos bezerros* através da garantia de colostragem precoce e de boa qualidade, fortalecendo a imunidade e prevenindo diarreias e doenças respiratórias. Ambientes mais enriquecidos e socialmente estimulantes também são fundamentais: o alojamento em pares ou pequenos grupos favorece o desenvolvimento e o consumo de alimento sólido, e reduz comportamentos anormais. Além disso, o uso de baldes com tetinas de fluxo lento ajuda a satisfazer o instinto de sucção e contribui para o bem-estar geral dos animais.
- *Garantir saúde e monitoramento constante*. A prevenção é mais eficaz e barata que o tratamento. Recomenda-se implementar protocolos de monitoramento regular da saúde do úbere (mastite), cascos, condição corporal e fertilidade, que permite identificar problemas precocemente. O uso de indicadores de bem-estar, como escore de locomoção e de limpeza, é uma forma objetiva de medir progresso.

O setor de bovinocultura de leite ainda carece de padrões nacionais consistentes de bem-estar reconhecidos por produtores, consumidores e fiscalização. Como em outros setores, uma parte dos produtores ainda não associa diretamente bem-estar animal à produtividade e longevidade do rebanho. Porém, a melhoria do bem-estar não depende só do produtor individual. Cooperativas, laticínios e órgãos públicos devem criar programas de apoio técnico e financeiro para incentivar boas práticas, premiar fazendas-modelo e promover capacitação regional.

A integração entre Embrapa, Mapa, universidades e indústria é essencial para ampliar o alcance e a consistência dessas ações. A questão da separação e a possibilidade de desmama lado a lado são possíveis temas futuros que merecem maior investigação.

O desenvolvimento de fatores-chaves como infraestrutura adequada, manejo responsável, socialização precoce de bezerros, acesso parcial ao pasto, nutrição adequada, controle sanitário e uso de tecnologias de monitoramento tem o potencial de elevar o padrão do setor leiteiro brasileiro. Com os avanços já alcançados e essas práticas mais espalhadas pelo país, é possível criar ambientes confortáveis com baixo nível de estresse e comportamento natural melhorado, alto desempenho produtivo e saúde geral do rebanho.



Comentário: É fundamental que comecemos a analisar os sistemas de produção a partir de uma perspectiva mais ampla, indo além de respostas pontuais às falhas atuais. Isso exige compreender como esses sistemas foram construídos e por que muitas estruturas e rotinas ainda não atendem às necessidades fundamentais dos animais. O bem-estar animal deve ser entendido como um tema complexo e multifacetado, mas cujas soluções são, muitas vezes, simples e centradas nos próprios animais; ao mesmo tempo, alguns desafios exigem abordagens de longo prazo, sistêmicas, e a adoção gradual de novos modelos e práticas.

Uma abordagem sistêmica passa pela revisão e substituição de práticas que não contribuem para o bem-estar por alternativas alinhadas às diretrizes da OMSA e ao modelo dos Cinco Domínios, buscando gradativamente reduzir impactos negativos e ampliar os positivos. Quando construída de forma colaborativa e inclusiva — com objetivos claros, cronogramas compartilhados e responsabilidades definidas —, essa abordagem tende a gerar mais confiança, adesão e progresso sustentável. Envolver produtores, técnicos, especialistas e empresas é essencial, especialmente aqueles mais próximos dos animais, de maneira a garantir apoio, alinhamento e viabilidade na implementação das mudanças.

Para que as transformações sejam duradouras, o bem-estar animal precisa estar integrado à estratégia das organizações e articulado com toda a cadeia produtiva, considerando ambiente regulatório, cultura produtiva, infraestrutura, capacitação e incentivos econômicos. Essa visão sistêmica também exige integração com agendas como biossegurança, Uma Só Saúde, sustentabilidade e ESG, potencializando impactos positivos e promovendo soluções que sejam benéficas nas dimensões social, ambiental e econômica. Nesse contexto, é importante reconhecer e dar visibilidade às boas práticas já adotadas e à liderança que muitas empresas brasileiras vêm demonstrando, e assim reforçar o papel do Brasil como referência em uma agropecuária ética, sustentável e competitiva.

04

CADEIA DE VALOR

O PAPEL DOS DIFERENTES ELOS DA CADEIA DE VALOR

Nos últimos anos, tornou-se cada vez mais evidente a necessidade de maior colaboração em toda a cadeia de valor para avançar em questões como o bem-estar animal. Muitas empresas individualmente assumiram compromissos de aprimorar certas práticas, e também têm se esforçado para melhorar o bem-estar animal em suas próprias cadeias de suprimentos. No entanto, trata-se de uma questão complexa e sistêmica, e as melhorias necessárias dependem de uma mudança sistêmica e conjunta. Isso significa que o poder de uma única empresa é limitado, e que os diferentes elos da cadeia de valor precisam se unir e trabalhar em prol do mesmo objetivo para que a questão possa evoluir de forma eficaz e sustentável.

Varejo alimentar

O setor de varejo alimentar brasileiro já avançou de forma relevante em bem-estar animal, sobretudo com os compromissos públicos para expandir a oferta de ovos cage-free — metas lideradas por redes que incorporaram esses padrões às marcas próprias. Muitas empresas também passaram a adotar políticas corporativas e cláusulas contratuais que exigem práticas mínimas de manejo, auditorias e rastreabilidade, além de firmar parcerias com selos para engajar fornecedores e consumidores em melhorias. Existe já um monitoramento pelo terceiro setor, que tem destacado onde houve progresso em relação a esses compromissos, e onde persistem lacunas na implementação efetiva.

O foco em bem-estar animal no varejo se tornou estratégico porque acompanha a crescente demanda de certos consumidores — especialmente jovens e classes médias e altas — por produtos alinhados a valores éticos, e fortalece a reputação e o perfil responsável e sustentável da empresa. Adicionalmente, preparar a cadeia para padrões mais elevados reduz a exposição a futuras exigências regulatórias e a riscos relacionados à resiliência sanitária e à qualidade dos produtos.

Apesar dos avanços, o setor ainda enfrenta desafios para consolidar a sua contribuição para boas práticas de bem-estar animal. A implementação das metas é desigual entre redes, categorias de produto, e entre marcas próprias e de terceiros, e a transparência ainda é limitada, o que dificulta a conscientização do consumidor. Adicionalmente, a forte pressão por preços baixos impede que produtos de maior bem-estar ganhem escala sem comprometer competitividade.

O setor pode acelerar o avanço em bem-estar animal ao estabelecer metas de melhoria em colaboração com fornecedores, enquanto incorpora padrões mínimos nos contratos e apoia a transição por meio de assistência técnica e financiamento, reduzindo gargalos de oferta. A transparência é central e reforçada pela adoção de certificações confiáveis que aumentam a confiança do consumidor. Campanhas de comunicação e estratégias comerciais ajudam a explicar os benefícios e a reduzir o impacto de preço elevado, enquanto a colaboração entre redes, fornecedores e associações setoriais cria escala e previsibilidade, estimulando investimentos em sistemas de maior bem-estar.

Redes varejistas com foco crescente em fornecimento responsável devem investir na educação do consumidor, investigar sua cadeia de fornecimento para eliminar práticas inadequadas, e apoiar os produtores por meio de contratos de longo prazo que criam segurança e permitem as melhorias necessárias dos sistemas de produção. Priorizar o bem-estar animal é uma decisão estratégica que reduz riscos de reputação, sanitários e regulatórios, melhora a resiliência da cadeia e tem o potencial de abrir oportunidades de mercado.

Food Service

No setor de food service, os avanços em bem-estar animal têm sido liderados por certas marcas internacionais, que trouxeram ao Brasil compromissos globais — sobretudo relacionados a ovos livre de gaiolas e, em alguns casos, a critérios de criação e abate de frangos. Por exemplo, certas cadeias hoteleiras com presença global como Marriott e Accor estão trabalhando para implementar seus compromissos no Brasil. Redes nacionais começaram a acompanhar esse movimento, embora com prazos mais longos e com foco principalmente em ovos.

Desde 2015, mais de 150 empresas dos setores alimentício e de hotelaria no Brasil assumiram o compromisso de utilizar e vender apenas ovos produzidos por galinhas criadas em sistemas livres de gaiolas até 2030 ou antes.⁴⁷ A pressão de ONGs por meio de campanhas e rankings tem impulsionado maior transparência, mas a implementação segue desigual e muitas empresas ainda não definiram metas claras.

As principais limitações no avanço do bem-estar animal no setor incluem o foco ainda muito restrito aos ovos cage-free, além de uma implementação demorada, marcada por prazos longos. A transparência, por meio de relatórios públicos que evidenciem o progresso gradual, ainda é limitada, assim como o uso de produtos certificados confiáveis que asseguram boas práticas na origem. A fragmentação do setor reduz escala e poder de negociação, e o receio de aumento de custos em um mercado altamente competitivo permanece uma barreira central, sobretudo para restaurantes independentes.

Ainda se espera que a adoção de padrões de bem-estar animal se torne uma estratégia essencial no setor, com novos consumidores que valorizam marcas alinhadas a práticas éticas, e a função dos restaurantes como uma “vitrine” dessa relação com os alimentos. Além da pressão de investidores e parceiros internacionais por critérios ESG, o bem-estar animal oferece uma oportunidade de posicionamento competitivo ao permitir que restaurantes se diferenciem por meio de cardápios e narrativas de origem que agreguem valor à experiência do cliente.

O setor pode avançar em bem-estar animal ao definir metas públicas e realistas por insumo junto a seus fornecedores, e ao publicar relatórios anuais que mostrem as etapas de implementação. A formação de parcerias coletivas pode ampliar o poder de negociação e facilitar o acesso a certificações. Grandes redes também podem apoiar suas cadeias com ações educativas que reforcem o vínculo entre bem-estar, qualidade e segurança dos alimentos. Por fim, alinhar-se a padrões globais já consolidados reduz riscos, torna o negócio mais resiliente para o futuro e coloca o setor brasileiro de food service em sintonia com as melhores práticas internacionais.

Pet Food

A indústria de alimentos para animais de estimação está diretamente conectada aos desafios de sustentabilidade relacionados à produção de proteínas de origem animal, por meio de sua cadeia de fornecimento de ingredientes. Embora o setor utilize coprodutos, seu papel no sistema alimentar costuma ser subestimado, assim como seu potencial para incentivar e fortalecer formas mais sustentáveis de produção dessas proteínas. Ao mesmo tempo, as empresas de pet food enfrentam uma pressão crescente de consumidores, clientes, investidores, organizações de bem-estar animal e outros públicos de interesse para reduzir, gerenciar ou eliminar os impactos negativos associados à cadeia de suprimentos.



⁴⁷ ALIANIMA 2025. Observatório do Ovo 2a Edição. https://alianima.org/wpcontent/uploads/2025/07/20250624_ALI009_Observatorio_do_Ovo_V04.pdf

⁴⁸ <https://www.petfoodprocessing.net/articles/17180-10-pet-food-brands-commit-to-higher-animal-welfare-standards>

No setor de pet food, os avanços em bem-estar animal têm sido puxados principalmente por algumas marcas, focadas especialmente na substituição de ovos convencionais por livres de gaiolas em rações úmidas e petiscos. Algumas multinacionais do setor já anunciaram metas públicas para concluir essa transição entre 2025 e 2030⁴⁸.

O mercado *premium* tem impulsionado mudanças ao comunicar o uso de ingredientes provenientes de sistemas de maior bem-estar e livres de antibióticos. Temos visto algumas marcas locais assumindo a liderança nesse aspecto, porém muitos fabricantes continuam focados sobretudo em preço e formulação nutricional, e ainda não adotam políticas explícitas sobre bem-estar animal. O interesse da temática está crescendo, mas continua sendo atuação de nicho, com foco em marcas ou linhas específicas.

O setor de *pet food* tem fortes razões para priorizar o bem-estar animal, já que os tutores de pet são consumidores especialmente sensíveis a temas de cuidado e coerência ética, tornando contraditório promover saúde para o animal de estimação enquanto se utilizam ingredientes oriundos de sistemas de baixo bem-estar. Com esse foco existe um risco de denúncia e de consumidores deixarem de comprar certos produtos ou marcas. Adicionalmente, incorporar critérios de bem-estar fortalece indicadores ESG, ampliand transparência e atração junto a investidores e grandes varejistas.

O setor tem como tendência um foco crescente na responsabilidade de compras, porém uma dificuldade é a ampla gama de fornecedores e a distância, muitas vezes com outras empresas mediando a relação entre eles. A oferta reduzida de ingredientes certificados dificulta atualmente o abastecimento e restringe a escala das iniciativas, e a falta de coordenação setorial impede que o tema ganhe força coletiva ou gere incentivos mais amplos para a mudança.

Embora esse setor seja um importante comprador de proteína animal, principalmente na forma de coprodutos, houve até agora pouca integração e alinhamento de objetivos e pouca colaboração entre produtores e compradores desse segmento. Há potencial de maior conexão com a cadeia produtiva, por exemplo, em termos de transmissão de informações relacionadas às boas práticas de produção ao consumidor final.

Parcerias de longo prazo com fornecedores tem o potencial de ajudar a viabilizar a transição, enquanto comunicação sobre o tema nos relatórios anuais garante transparência sobre o progresso. A adoção de certificações reconhecidas e sua comunicação nos rótulos reforça credibilidade, e a criação de linhas específicas de “alto bem-estar” permite testar demanda e agregar valor.

Comentário geral sobre o elo comprador

Recomenda-se que empresas compradoras de proteína animal — incluindo supermercados, restaurantes e empresas de pet food — estabeleçam padrões mínimos de bem-estar animal aplicáveis a todos os fornecedores, realizem avaliações periódicas de desempenho e adotem planos de ação claros para casos de não conformidade. É igualmente fundamental fortalecer a rastreabilidade por meio do mapeamento da origem dos ingredientes, da avaliação de riscos e impactos, e do monitoramento consistente de dados ao longo da cadeia. Muitas empresas começam fazendo uma priorização estratégica de ingredientes de maior volume e impacto.

Observa-se a necessidade de que compradores e usuários finais assumam um papel mais ativo na definição do estado futuro desejado de bem-estar animal, por meio do estabelecimento de ambições claras e de longo prazo fundamentadas em evidências científicas e referenciais reconhecidas internacionalmente, e do diálogo ativo e transparente com fornecedores. A partir dessas ambições, especialistas técnicos podem apoiar o desenho e a implementação de caminhos viáveis de melhoria, alinhados à realidade produtiva.

Quando os compradores exercem esse papel estratégico, o foco deixa de ser apenas o curto prazo e passa a considerar objetivos de médio e longo prazo, criando condições para avanços estruturais e maior alinhamento com o elo produtor. Essas empresas têm um papel importante na criação de incentivos comerciais e no apoio aos custos de transição. Para isso, o bem-estar animal deve estar integrado à estratégia corporativa e ser tratado como uma responsabilidade compartilhada entre todos os elos da cadeia, em um processo gradual, previsível e sustentável de longo prazo.

Produtores

Há um reconhecimento crescente da relação entre bem-estar animal, produtividade e bem-estar das pessoas que atuam na pecuária. A adoção de melhores práticas de bem-estar animal contribui também para o bem-estar dos produtores e das equipes nas fazendas.⁴⁹ Sistemas de manejo mais calmos e previsíveis reduzem riscos de acidentes, diminuem o estresse nas rotinas de trabalho e favorecem relações mais positivas com os animais, resultando em ambientes mais seguros, organizados e com maior satisfação profissional.

No entanto, sistemas com maior potencial de bem-estar animal como, por exemplo, produção com galinhas livres, podem aumentar a exigência operacional e requerem equipes mais qualificadas, com treinamento em comportamento animal. Adicionalmente, mudanças estruturais raramente ocorrem sem incentivos que viabilizam as melhorias necessárias na prática. A transição para sistemas de maior bem-estar frequentemente exige investimentos, tempo de adaptação e capacitação contínua, o que reforça a importância de mecanismos como contratos de longo prazo, programas de bonificação, diferenciação de fornecedores, acesso a crédito e modelos de cofinanciamento.

O avanço sustentável também depende de apoio técnico contínuo, com capacitação específico em manejo, comportamento animal, uso de tecnologias, gestão e interpretação de indicadores de resultado. Programas estruturados de assistência técnica desenvolvidos por universidades, consultorias, ONGs ou empresas podem apoiar essa transição por meio de treinamentos recorrentes, guias práticos e projetos-piloto adaptados à realidade brasileira.

⁴⁹ Por exemplo, FAO, 2014. Livestock and livelihoods: The role of animal welfare in sustainable development, e Temple Grandin, 2015. Improving Animal Welfare: A Practical Approach.

A mensuração baseada em indicadores de resultado de bem-estar animal (welfare outcome measures), aliada a indicadores de desempenho produtivo, é fundamental para orientar melhorias baseadas em evidências concretas e consolidar o bem-estar como valor de gestão. Nesse processo, a autoavaliação contínua, complementada por auditorias independentes, fortalece a melhoria contínua. A comunicação das boas práticas ao longo da cadeia até o consumidor final contribui ainda para valorizar os investimentos realizados e fortalecer o mercado.

Em síntese, a transição para sistemas de maior potencial de bem-estar animal no Brasil exige um conjunto integrado de incentivos, que combine previsibilidade de mercado, apoio financeiro, capacitação técnica e reconhecimento. Esse alinhamento cria segurança para os produtores investirem, legitima os esforços realizados e reforça a responsabilidade compartilhada entre todos os elos da cadeia.

“A viabilidade de melhorias de bem-estar animal depende menos de discurso e mais de execução: por exemplo, planejamento, disciplina sanitária, observação dos animais, equipe capacitada e expansão alinhada à demanda. Nossa participação na COBEA serve não apenas para compartilhar nossa experiência com outros, mas também para evoluir em conjunto e promover a colaboração necessária em toda a cadeia de valor, o que pode ajudar a acelerar a transição para sistemas de produção que promovam um melhor bem-estar animal.”

Daniel Mohallem, Diretor, Planalto Ovos



A importância da colaboração

Vemos que iniciativas isoladas em bem-estar animal tendem a ser limitadas porque estamos tratando de uma questão complexa que requer mudanças sistêmicas para avançar. Muitos elos são envolvidos e precisam trabalhar juntos na mesma direção e fazer a sua parte, a fim de possibilitar as melhorias necessárias. Sem alinhamento de metas e compartilhamento financeiro, a adoção naturalmente trava. Além disso, quando apenas uma empresa ou rede de supermercados estabelece padrões mais altos, o efeito no mercado é limitado: fornecedores podem optar por vender para compradores menos exigentes, reduzindo a adesão a boas práticas e mantendo o status quo.

A falta de padronização também contribui para o problema, já que expectativas e normas distintas criadas por diferentes empresas geram confusão, podem aumentar custos e desmotivar produtores, e assim fragmentar os avanços. Por outro lado, a adoção de padrões comuns cria escala, reduz divergências e permite impacto real em nível setorial. A coordenação também aumenta a confiança e possibilita rastreabilidade e comunicação transparente, que fortalece a reputação de toda a cadeia.

Além disso, o trabalho conjunto estimula inovação e troca de conhecimento, facilitando o acesso a novas tecnologias e práticas de manejo. E, em um cenário de consumidores, clientes e governos cada vez mais exigentes, a ação coletiva oferece mais legitimidade, ajuda a mitigar riscos reputacionais e vulnerabilidade aos boicotes, multas e barreiras comerciais. Diante de todos esses fatores, uma maior colaboração na cadeia de valor torna-se essencial.

“Trabalhar em prol do bem-estar animal é uma responsabilidade que transcende os interesses individuais, trazendo benefícios significativos para produtores, consumidores e toda a indústria. As boas práticas de bem-estar animal não apenas promovem a saúde e o bem-estar dos animais, mas também impactam positivamente a qualidade dos produtos e a sustentabilidade da produção.”

Barbara Sollero, Gerente Executiva de Agricultura Sustentável, Nestlé Brasil

A contribuição necessária do setor financeiro e público

O setor financeiro pode exercer um papel relevante no avanço do bem-estar animal no Brasil ao direcionar crédito e investimentos para modelos de produção mais responsáveis e ao criar incentivos claros para a adoção de padrões superiores. Isso inclui financiamento para melhorias estruturais e de manejo, incorporação do bem-estar nas análises de risco e crédito, incentivos a bons desempenhos e apoio a instrumentos financeiros sustentáveis.

Políticas públicas e sistemas de certificação independente podem impulsionar o avanço do bem-estar animal ao estabelecer um ambiente regulatório claro, previsível e confiável, capaz de reduzir riscos para produtores, alinhar incentivos ao longo da cadeia e proteger consumidores. Isso envolve o desenvolvimento de normas nacionais progressivas para produção, transporte e abate para todas as espécies principais, integração do bem-estar animal às políticas de fomento rural, investimentos em capacitação técnica e fiscalização, bem como harmonização de padrões entre estados.

O uso de métricas padronizadas, junto com rastreabilidade e digitalização, tem potencial para melhorar a transparência e a credibilidade do sistema. Ainda falta um sistema integrado de monitoramento e, embora muitos dados já sejam coletados nas inspeções, eles ainda são pouco utilizados para orientar decisões e melhorar a gestão. Portanto, integrar melhor os serviços de inspeção aos programas de bem-estar animal pode ampliar o uso desses dados e fortalecer a gestão ao longo da cadeia.



05

CONCLUSÕES

PALAVRAS FINAIS

Em conclusão, há um consenso crescente de que o bem-estar animal tornou-se um tema intrínseco ao setor de proteína animal brasileiro, com avanços relevantes especialmente na última década. Um número cada vez maior de empresas vem adotando boas práticas, investindo em sua evolução contínua e apoiando fornecedores nesse processo. Ainda assim, a ausência de padrões legais mínimos para diferentes espécies, aliada à heterogeneidade dos sistemas produtivos, resulta em níveis desiguais de implementação, com desafios mais evidentes entre pequenos produtores particularmente no acesso a informação, capacitação e recursos.

Nesse contexto, o cenário brasileiro reforça a importância de ampliar o acesso a informação qualificada, treinamentos, tecnologias acessíveis e apoio técnico contínuo, de modo a viabilizar a adoção ampla e consistente de boas práticas. Quando integrado de forma transversal às estratégias das empresas — devidamente alinhado à saúde animal, à produtividade, à sustentabilidade e à qualidade do produto —, o bem-estar animal tende a gerar resultados mais robustos e duradouros, consolidando-se como condição essencial para uma produção animal preparada para o futuro.

A experiência prática mostra que os principais desafios não estão na falta de interesse dos produtores, mas na falta de informações claras sobre impactos e benefícios. Problemas como saúde animal e manejo inadequados, além do estresse e o seu impacto negativo no desempenho, geram perdas e reduzem o potencial produtivo. Por isso, o debate não deve focar apenas nos custos adicionais, mas também nas oportunidades perdidas ao ignorar esses fatores.

O bem-estar animal contribui diretamente para a resiliência dos sistemas produtivos, ao melhorar o desempenho econômico e a capacidade de adaptação a estressores, incluindo os ligados às mudanças climáticas. Por isso, deve ser visto como um investimento estratégico — e não apenas como uma exigência externa — para acelerar a adoção de práticas mais eficientes, resilientes e sustentáveis.

Por fim, o avanço do bem-estar animal no Brasil deve ser compreendido como um processo gradual, baseado em evidências científicas, aprendizado prático e melhoria contínua. Um foco simultâneo na ambição e no ponto de partida é essencial para alcançar melhorias reais e, ao mesmo tempo, garantir viabilidade técnica e econômica. Nesse contexto, o trabalho da COBEA, ao reunir produtores, varejo alimentar, food service, pet food e outros compradores, tem o potencial de alinhar ambições, reduzir a fragmentação, aumentar a previsibilidade das exigências e apoiar uma transição consistente, alinhada à realidade produtiva nacional.

As conclusões deste relatório orientarão a atuação da COBEA e servirão de base para a estruturação de projetos específicos com foco no apoio a uma evolução mais coordenada, eficiente e escalável do bem-estar animal no Brasil. Agradecemos novamente a todos que estiveram envolvidos na elaboração deste relatório e quaisquer ideias e comentários adicionais serão bem-vindos.

ANEXO – EXEMPLOS DE BOAS PRÁTICAS DOS MEMBROS DA COBEA

Sobre a COBEA

A Colaboração Brasileira de Bem-Estar Animal (COBEA) é uma iniciativa de colaboração pré- competitiva, idealizada pela certificação Produtor do Bem e criada com o propósito de melhorar o bem-estar dos animais criados para alimentação e outros produtos no Brasil. A COBEA reúne empresas de toda a cadeia de valor para alinhar expectativas e prioridades e acelerar o progresso. A iniciativa incentiva e facilita a colaboração entre os diferentes elos da cadeia de proteína animal e suas partes interessadas mais relevantes (produtores, consumidores, organizações da sociedade civil, investidores, acadêmicos etc.), para que possam ser abordadas coletivamente as barreiras sistêmicas à melhoria do bem-estar animal.

A COBEA e seus membros reconhecem a complexidade e a variedade da produção animal, e percebem que uma mudança sistêmica que leve em consideração o bem-estar animal, os impactos ambientais da produção e a qualidade de vida e o bem-estar econômico das pessoas e comunidades envolvidas está além da capacidade de uma única empresa ou organização. Por isso, a iniciativa se envolve com um amplo conjunto de partes interessadas nacionais e internacionais, para empoderar as empresas brasileiras e promover uma abordagem proativa para melhorias.

A COBEA trabalha com seus membros para identificar ambições relevantes em prol de um melhor bem-estar animal, identificar onde a prática atual não se alinha com essas ambições, e identificar oportunidades para seus membros e as demais partes interessadas trabalharem em conjunto para progredir.

Acreditamos que esses esforços beneficiarão todas as partes da cadeia de valor e a sociedade como um todo. A iniciativa conta agora com dez importantes atores: Danone Brasil, Fazenda Speranza, Grupo IMC (International Meal Company), JBS Brasil, Mantiqueira Brasil, MBRF, Minerva Foods, Nestlé Brasil, Planalto Ovos e Special Dog Company. Adicionalmente, a Cooperl do Brasil recentemente se tornou a primeira Empresa Parceira da COBEA.



DANONE BRASIL: Boas práticas em campo elevam produtividade e bem-estar dos animais nas fazendas da Danone

Alinhada com os objetivos da COBEA, empresa avança na implementação de práticas responsáveis na cadeia do leite

Capacitação do corpo técnico em práticas de bem-estar animal, criação de materiais didáticos sobre o tópico e aplicação das boas práticas em campo são algumas das ações adotadas pela Danone, que assumiu em 2023 um compromisso público com o bem-estar animal, posicionando-se de forma proativa sobre o tema e anunciando um investimento de R\$ 3 milhões. Desde então, diversas ações foram implementadas conforme previsto nesse compromisso, sendo uma delas a capacitação de 100% de seu corpo técnico nas melhores práticas de bem-estar animal.

Além disso, a empresa tem feito um esforço grande de avaliação e aplicação das boas práticas em campo. Através de um projeto piloto, a empresa conseguiu conquistas importantes, como a redução de doenças, com evolução significativa nos indicadores sanitários; a melhoria de desempenho, com incremento no ganho de peso dos animais; a padronização de processos, com a inclusão de etapas antes inexistentes, como aferição da qualidade do colostro e criação de banco de colostro; e a capacitação contínua, com alto número de treinamentos para funcionários e produtores, com grande engajamento.

Além de ser membro da Colaboração Brasileira de Bem-Estar Animal (COBEA) desde o começo em 2024, a Danone Brasil conquistou ano passado a recertificação B-Corp, reforçando seu compromisso com práticas responsáveis e sustentáveis. Essa abordagem é estratégica desde o início, pois o leite representa seu maior spend individual em compras, com impacto significativo nos âmbitos ambiental, social, econômico e no bem-estar animal.

Segundo o gerente de Desenvolvimento de Fornecedores, Qualidade do Leite e Central de Compras, Humberto Carvalho, o projeto piloto vem apresentando resultados muito relevantes e proporcionou a confiança necessária para prosseguir com os investimentos. Pelo segundo ano consecutivo, seus fornecedores foram auditados e a empresa avançou com a implementação do Projeto Fazenda Tudo de Bem, que endereça diretamente a temática de bem-estar animal junto aos parceiros.

“Além dos resultados técnicos, os consultores relatam que, durante as vistorias, produtores e equipes aguardam ansiosamente as próximas visitas. Esse comportamento demonstra que a consultoria especializada está gerando impacto real, promovendo conhecimento e evolução consistente nas fazendas, um excelente sinal de que quem recebe capacitação está motivado a avançar”, afirma.

Carvalho comenta que a Danone está consolidando um painel gerencial para evidenciar os benefícios do projeto. De forma geral, os resultados já demonstram avanços significativos, com indicadores mais consistentes e redução de problemas clínicos; redução da mortalidade; menor necessidade de tratamentos e redução no uso de medicamentos; melhoria no desempenho, com maior ganho de peso, melhor peso e idade à desmama; e mudanças no comportamento, resultado em animais mais dóceis e manejáveis.

“Além dos ganhos técnicos, estamos trazendo uma visão econômica clara, comparando quanto cada fazenda ganha com a implementação das boas práticas versus os indicadores anteriores. Os resultados preliminares apontam para um aumento expressivo de produtividade, reforçando que investir em bem-estar animal gera retorno financeiro e sustentabilidade”, destaca Humberto.

Criado pela empresa há cinco anos, o programa ambiental da empresa Jornada Flora já gerou neste período resultados significativos que foram apresentados na COP 30 em dezembro passado. A iniciativa possibilitou a redução de 47% no fator de emissão de CO2 por litro de leite nas fazendas leiteiras (2020-2024) e redução de 42% no fator de emissão de metano (2020-2024), alinhando os resultados ao Plano Global de Metano em Laticínios.

Além de aumentar a produtividade e a renda de produtores, a Danone tem conseguido números significativos de redução de carbono e metano na cadeia do leite fresco. Atualmente, a empresa registra que 20% do leite fresco usado na produção de seus produtos lácteos já é de baixo carbono – menor do que um quilo de CO2 equivalente por litro de leite – graças à iniciativa. Os dados apontam que, além de impactar positivamente a natureza e promover o bem-estar animal, o programa gera incremento de renda real de 22% já corrigida a variação de preços de leite entre os anos, crescimento de 15% na produtividade por vaca e 26% de crescimento médio na produção diária de leite.

“Estamos aprendendo muito ao longo do caminho. A adesão dos fornecedores cresce continuamente, e nossa intenção é genuína, desenvolver nossos parceiros não apenas em bem-estar animal, mas de forma ampla e sustentável, buscando maior eficiência, produtividade, redução de custos, bem-estar e menores emissões. Nesse ecossistema todos ganham, produtores, colaboradores, a Danone, o planeta e a sociedade”, finaliza Carvalho.

JBS BRASIL: JBS avança em bem-estar animal com iniciativas em suinocultura e pecuária de corte

Companhia conclui transição de gestação coletiva na suinocultura e, na pecuária de corte, apoia iniciativa que já avaliou mais de 20 mil animais e fortalece a fase de cria

A JBS vem consolidando seu compromisso com o bem-estar animal por meio de iniciativas estruturantes em diferentes elos da cadeia produtiva, destacando os avanços conduzidos pela Seara na suinocultura e pela Friboi na pecuária de corte.

Transformação na suinocultura: gestação coletiva

A Seara concluiu, em 2025, a transição para 100% de gestação coletiva nas granjas integradas de suínos, tornando-se a primeira grande empresa do setor no Brasil a cumprir integralmente esse compromisso público — assumido cerca de dez anos atrás e concretizado mais de 20 anos antes da exigência legal, prevista para 2045.

Mais do que o atingimento de um compromisso, a iniciativa representa uma transformação estrutural da cadeia produtiva, conduzida de forma gradual, técnica e socialmente responsável. Ao longo da última década, a empresa redesenhou seu modelo de produção, investiu em inovação de processo, capacitou equipes e produtores e desenvolveu soluções adaptadas às diferentes realidades no campo — sem perda de produtores integrados, sem redução de renda e sem impacto social negativo.

No modelo de gestação coletiva, as fêmeas passam a viver em baias com maior espaço, permitindo circulação, interação e expressão de comportamentos naturais, o que representa um avanço significativo em bem-estar animal.

Um dos principais desafios foi garantir que a transição não gerasse exclusão produtiva nem prejuízos aos produtores integrados, muitos deles de perfil familiar. Para viabilizar, a Seara realizou um diagnóstico detalhado das granjas e implementou soluções customizadas, respeitando limitações estruturais e o ritmo de adaptação de cada produtor.

A estratégia priorizou inovação de processo, com medidas como capacitação contínua, revisão de protocolos de manejo, ênfase em incentivos financeiros e adoção do modelo coletivo em todos os novos projetos. Mesmo diante da complexidade, a companhia manteve sua trajetória de crescimento, com aumento de cerca de 40% na produção no período.

Com a conclusão da transição, a Seara se posiciona como referência no setor, demonstrando que é possível antecipar exigências regulatórias, elevar padrões de bem-estar animal e preservar a sustentabilidade econômica da cadeia.

"Quando assumimos esse compromisso, o consenso no setor era de que seria impossível implementá-lo no Brasil. Não havia legislação, não havia modelos consolidados e os desafios técnicos, econômicos e sociais eram enormes. A Seara decidiu fazer antes da lei e provar que era possível", afirma José Antônio Ribas Junior, diretor executivo de Agropecuária da Seara.

Pecuária de corte: iniciativa inédita com foco na fase de cria

Na pecuária de corte, a JBS, por meio da Friboi, é uma das apoiadoras do projeto “Cada Bezerro Importa”, iniciativa voltada ao bem-estar de bovinos do nascimento à desmama — fase estratégica para a produtividade e rentabilidade da pecuária. Desenvolvido pela consultoria BE.Animal, o projeto reúne empresas e especialistas para aprimorar práticas de manejo na cria.

Desde 2023, fazendas em diferentes estados vêm sendo acompanhadas de forma remota e presencial, com base em um modelo técnico que integra dados, capacitação e disseminação de conhecimento. Dentro do projeto, mais de 20 mil animais já foram avaliados. Além de sua atuação nas demais etapas da cadeia de valor, a JBS contribui na melhoria de indicadores-chave da cria por meio de apoio aos produtores rurais. Esse trabalho se reflete no maior número de bezerros desmamados, na melhoria do peso, sanidade e no bem-estar dos animais, que, juntos, contribuem para ampliar a oferta de bovinos de qualidade e, consequentemente, aumentar a eficiência de todo o setor.

A iniciativa já capacitou, diretamente, cerca de 140 profissionais em fazendas e empresas parceiras, e alcançou mais de 50 mil pessoas, de forma indireta, por meio de conteúdos técnicos. O monitoramento nas propriedades permite análises mensais sobre nascimentos, tratamentos, doenças e manejo sanitário, com relatórios que apoiam as tomadas de decisão.

Ao avaliar dados entre as safras 2024/2025 e 2025/2026, foi possível mensurar as taxas de bezerros que adoeceram e os principais fatores, possibilitando a geração de ações corretivas e preventivas. Os dados comparativos entre as safras indicam uma redução preliminar de 5% a 20% de perdas de animais dentre as propriedades avaliadas.

Os resultados embasam a produção de materiais técnicos gratuitos, que serão disponibilizados ao longo de 2026 para ampliar o acesso à informação e apoiar a evolução da pecuária. A iniciativa também contribui para publicações sobre bem-estar animal.

O projeto mantém presença ativa em eventos do setor, na mídia e em plataformas digitais, com conteúdos práticos voltados ao dia a dia das fazendas. O trabalho já desperta interesse internacional, com acesso de produtores de países como Canadá, Estados Unidos, Colômbia, Argentina, Uruguai e Paraguai, além de apresentações em universidades e centros de pesquisa.

Ao apoiar iniciativas como essa, a JBS reforça seu compromisso com o avanço da cadeia produtiva, com base em ciência, tecnologia e bem-estar animal.

“Participar do projeto ‘Cada Bezerro Importa’ reforça nosso compromisso com a evolução da pecuária brasileira. Ao apoiar os produtores na fase de cria, contribuímos para melhorar índices zootécnicos, promover o bem-estar animal e ampliar a oferta de animais mais saudáveis e produtivos ao longo da cadeia”, afirma Emília Raucci, diretora de qualidade da Friboi.

MANTIQUEIRA BRASIL: Produção de ovos com galinhas livres ganha força na avicultura brasileira para promover a sustentabilidade e o bem-estar

Mantiqueira Brasil, líder do setor e uma das primeiras integrantes da COBEA, reforça seu compromisso com o avanço da causa ao contabilizar até agora mais de 3 milhões de aves criadas livres

A preocupação com o bem-estar animal está cada vez mais em foco entre as empresas produtoras de ovos, que buscam evoluir os sistemas de produção e a produtividade e rentabilidade de seus produtos. Nesse sentido, a produção de ovos com galinhas livres tem ganhado espaço na avicultura de postura nos últimos anos.

Esse processo produtivo consiste na criação de aves em galpões, o que lhes permite maior liberdade de movimento e acesso a diversos ambientes. Assim, elas podem expressar seus comportamentos naturais altamente motivados, como ciscar, espocar, se empoleirar e usar ninhos. Nesse sistema as galinhas têm acesso a diferentes espaços e recursos que facilitam esses comportamentos, como ninhos para botar ovos, poleiros para se empoleirar e áreas com areia para banho.

No Brasil, embora não haja legislação específica para padronizar essa produção, a adoção dessa prática tem crescido, com empresas se comprometendo a utilizar essa modalidade em suas operações. Até o momento, mais de 220 empresas operando no país, incluindo grandes multinacionais como McDonald's, Giraas, Burger King, Subway, Bob's, Spoleto, Disney, Kroger, Campbell Soup, Walmart, ConAgra, Starbucks e até mesmo White Castle têm feito compromissos de vender apenas ovos de galinhas criadas soltas, a maioria até o final deste ano. Isso torna 2025 um ano importante nessa transição, pois muitas companhias estão buscando atingir essa meta, o que criará um aumento na demanda.

Esses avanços estão alinhados com o propósito da Colaboração Brasileira de Bem-Estar Animal (COBEA), iniciativa de cooperação pré-competitiva inédita no sul global que foi fundada em junho de 2024 com o objetivo de facilitar essas e outras evoluções em bem-estar no setor de proteína animal.

Uma das primeiras empresas a aderir à coalizão, a Mantiqueira Brasil, que tem mais de 35 anos de trajetória no setor de avicultura de postura, recentemente atingiu a meta de mais de 3 milhões de aves criadas livres, consolidando a dedicação na transição para esse modelo de produção no país. A empresa superou o seu compromisso assumido em 2020 de chegar à marca de 2,5 milhões de galinhas livres até 2025.

O progresso gradual reforça seu compromisso com o avanço do bem-estar animal e consolida sua posição como referência no setor. Para a diretora-executiva da COBEA, Elisa Tjarnstrom, cada ação concreta de seus membros mostra que é possível unir esses avanços à produtividade e rentabilidade, e ajuda a ilustrar como empresas líderes do segmento estão atualmente investindo em bem-estar animal como um meio de crescimento e de adaptar seus modelos de negócios para o futuro.

A Mantiqueira Brasil é hoje responsável pela maior produção de ovos da América do Sul, com 4 bilhões de unidades produzidas e comercializadas por ano, e tem intensificado esforços para popularizar o consumo de ovos de galinhas livres no mercado nacional com a divulgação e comercialização dos ovos Happy Eggs®. Atualmente, está em fase de ampliação das operações de três unidades produtivas: Lorena (SP), São João do Itaperiú (SC) e Formosa (GO), sustentadas por pilares ESG, com foco no bem-estar animal, tecnologia avançada e digitalização de processos.

“A Mantiqueira Brasil acredita que o bem-estar animal é um pilar fundamental para a construção de um setor de avicultura de postura mais ético, sustentável e responsável. Ao nos unirmos à COBEA, reforçamos nosso compromisso de atuar de forma colaborativa, trocando experiências e acelerando a evolução de práticas que respeitem as necessidades das nossas aves em todas as fases do processo de produção. Vemos na coalizão uma oportunidade única de somar forças com outras empresas comprometidas, promovendo avanços reais e consistentes. Acreditamos que, juntos, temos o potencial de elevar os padrões do setor, aumentar a transparência e demonstrar ao Brasil e ao mundo que é possível aliar produção em escala, respeito ao bem-estar animal e inovação sustentável”, afirma o gerente-executivo de Avicultura da empresa, André Carreira.

Para impulsionar melhorias no bem-estar animal com seus fornecedores e produtores, a Mantiqueira Brasil está atualmente investindo em estruturas que permitam às aves expressarem seu comportamento natural, além de garantir qualidade na alimentação, água e ambiência.

Adicionalmente, tem investido em comunicação e educação sobre bem-estar animal, para que o consumidor final compreenda as diferenças entre os sistemas de produção e reconheça os benefícios dos produtos Happy Eggs® (galinhas livres). A empresa acredita que os varejistas são grandes aliados nesse processo, e trabalha em parcerias com redes supermercadistas, utilizando estratégias como materiais promocionais, gôndolas exclusivas e ações nos pontos de venda que aumentam a visibilidade e a rentabilidade dos produtos. O consumidor hoje está mais atento à maneira como os animais são tratados no processo produtivo, e muitos já usam esse conhecimento para decidir qual produto adquirir na hora da compra.

MBRF: Eliminação da mossa na suinocultura por métodos mais humanitários eleva padrões de bem-estar animal

Com a mudança feita pela MBRF, cerca de 12,5 milhões de suínos por ano deixaram de ser submetidos ao procedimento tradicional

Compromisso sólido com o bem-estar animal e adoção de práticas inovadoras e responsáveis em suas operações são alguns dos princípios do Programa de Bem-estar Animal da MBRF, que orienta e estrutura ações voltadas à melhoria contínua dos manejos, promovendo uma conduta ética no cuidado com os animais. Dentre essas ações, a empresa concluiu em 2021 a eliminação da tradicional prática da mossa como método de identificação dos suínos. Como resultado, cerca de 12,5 milhões de animais por ano deixaram de ser submetidos ao procedimento, o que representa um avanço significativo no nível de BEA.

Membro recente da Colaboração Brasileira de Bem-Estar Animal (COBEA), iniciativa inédita de cooperação pré-competitiva no Sul Global que visa impulsionar o avanço contínuo do bem-estar animal no país, a MBRF aboliu uma prática dolorosa que consistia em realizar cortes específicos nas orelhas dos animais para formar códigos numéricos. O procedimento era feito nos primeiros dias de vida dos leitões, sem o uso de anestesia ou qualquer método de controle da dor, o que comprometia o bem-estar dos animais.

Para elevar os padrões de bem-estar animal e alinhar-se às expectativas do mercado e da sociedade, a MBRF adotou métodos mais humanitários como o uso de brincos e tatuagens com caracteres alfanuméricos para a identificação dos suínos. A mudança foi aplicada em todas as granjas produtoras de leitões da companhia, tanto próprias quanto de integrados, localizadas em diversos estados brasileiros.

Para a implementação do projeto, a empresa adquiriu tatuadores para todas as granjas e passou a comprar anualmente cerca de 400 mil brinços para identificação de matrizes reprodutoras avós e bisavós. Todos os colaboradores envolvidos no processo foram treinados para garantir a correta aplicação dos novos métodos. O processo de transição foi concluído em 2021, e desde então, nenhuma granja da companhia realiza mais o manejo de moessa.

Durante a implementação, alguns desafios foram enfrentados, como a logística de aquisição e distribuição dos equipamentos, a padronização dos procedimentos entre diferentes unidades e a superação de resistências culturais à mudança. No entanto, o engajamento das equipes e a clareza dos benefícios proporcionados pela nova prática foram fundamentais para o sucesso da iniciativa.

Um dos principais desafios enfrentados foi a aceitação da tinta utilizada no procedimento de tatuagem pelos Serviços de Inspeção Federal (SIFs), vinculados ao Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA). Como os suínos são destinados ao consumo humano, qualquer substância aplicada em sua pele deve atender a critérios rigorosos de segurança, inocuidade e rastreabilidade.

Para superar esse desafio, a MBRF adotou tintas específicas para uso veterinário, com formulações seguras e documentação técnica que comprovam sua adequação. Além disso, foram realizados treinamentos com as equipes técnicas e diálogos com os fiscais dos SIFs, a fim de garantir a entendimento e aceitação do novo método.

Essa etapa foi fundamental para assegurar a conformidade regulatória da prática e garantir que a inovação em bem-estar animal fosse implementada de forma segura, eficaz e alinhada às exigências legais e sanitárias do setor.

“O bem-estar animal é fundamental para a MBRF, já que está na base da nossa cadeia produtiva. Buscamos melhorar continuamente a qualidade de vida dos animais, dentro e fora da empresa, atuando de forma integrada para promover práticas responsáveis e uma transformação positiva em toda a cadeia”, comenta Ivomar Oldoni, Diretor do Centro de Inovação e Excelência (CIE) em Agropecuária.

Alinhada com os princípios da COBEA, a MBRF entende que fazer parte da entidade é mais uma maneira de trabalhar para que os princípios de BEA sejam efetivamente colocados em prática. “Essa troca de experiências será importante para mostrarmos nosso trabalho e conhecermos as medidas que estão sendo adotadas com sucesso por outras empresas. Com a difusão do sucesso de ações práticas, poderemos em conjunto trabalhar para evoluir ainda mais a ações de BEA no Brasil”, finaliza.

MINERVA FOODS: Minerva Foods aumenta foco e direcionamento corporativo em bem-estar animal

Com lançamento do programa BEA+Minerva e entrada na COBEA, Minerva Foods promove estratégias alinhadas a expectativas e protocolos internacionais de bem-estar animal

Com o tema do bem-estar animal cada vez mais presente no setor de proteína animal, empresas de diversos segmentos têm implementado projetos voltados à temática, tanto internos quanto externos. Um exemplo disso é o programa BEA+Minerva da Minerva Foods, companhia global de alimentos que detém as marcas Pul, Estância 92 e Cabaña Las Lilas e líder de exportação de carne bovina na América do Sul, que visa desenvolver e potencializar ações para aprimorar as práticas de bem-estar animal de fornecedores da sua cadeia de suprimentos.

Segundo a gerente executiva de Sustentabilidade da empresa, Tamara Lopes, o projeto foi criado como uma evolução natural do trabalho que a Minerva já realizava com seus fornecedores de animais e matérias-primas de origem animal.

“O BEA+Minerva consolida essas iniciativas, reunindo em um mesmo guarda-chuva estratégico, ações de engajamento, capacitação, monitoramento, suporte técnico e estudos de caso, sempre alinhados a protocolos internacionais de bem-estar animal. A proposta foi dar mais estrutura, identidade e escala a um trabalho que já acontecia, mas que agora ganha mais força e direcionamento corporativo”, explica.

Os cinco objetivos-chave do programa BEA+Minerva são: Conexão com fornecedores, Engajamento interno, Acompanhamento de indicadores de desempenho, Gestão de riscos e Compromissos públicos. O programa promove entre os produtores e fornecedores engajamento e capacitação por meio de treinamentos, workshops e disponibilização de materiais técnicos direcionados às melhores práticas de bem-estar animal, ajustados conforme a espécie e a realidade de cada sistema produtivo. Além disso, é feito um monitoramento sistemático para a avaliação de indicadores de bem-estar em toda a cadeia, a partir de questionários de autoavaliação, visitas técnicas e auditorias independentes.

No transporte e nas unidades industriais, o controle é realizado por meio de indicadores de rotina coletados pelos responsáveis de bem-estar animal, complementados por informações das equipes de logística e compra de gado, que monitoram o desempenho no transporte e nas fazendas.

O programa também inclui aspectos socioambientais, reforçando a integração das práticas sustentáveis. Para os fornecedores que demonstram maior comprometimento, a Minerva disponibiliza capacitação teórico-prática em parceria com consultorias especializadas, e financia auditorias independentes e certificações de bem-estar animal. “Isso agrega valor técnico ao sistema produtivo e ampliando a credibilidade dos fornecedores junto ao mercado”, destaca Tamara.

As motivações para o BEA+Minerva são manter a cadeia produtiva alinhada a padrões internacionais de bem-estar animal; atender às exigências éticas, legais e de mercado; e adotar práticas que otimizem o manejo dos animais, aumentem a segurança das equipes e preservem a qualidade do produto. Para os produtores, a empresa entende que o estímulo para intensificar o seu trabalho com bem-estar animal é receber suporte técnico e capacitação para aprimorar práticas de bem-estar animal e socioambientais, ter acesso a auditorias e certificações que agreguem valor, e obter o reconhecimento pela produção responsável de sua propriedade, valorizando práticas sustentáveis e de qualidade.

“Essas melhorias ajudam os fornecedores a se sentirem mais seguros e confiantes no manejo diário, diminuem riscos de acidentes e perdas, e dão suporte técnico para que o trabalho seja mais eficiente. Além disso, participar do programa, com treinamentos, auditorias e certificações, traz reconhecimento pela produção responsável, valorizando o esforço e reforçando a reputação da propriedade no mercado”, enumera a gerente executiva.

O trabalho com a capacitação contínua e o engajamento próximo também é importante para reduzir variações no nível de bem-estar animal entre produtores, sendo essencial oferecer esse suporte adaptado à realidade de cada propriedade e espécie em questão. Além disso, utiliza-se uma matriz de risco baseada em indicadores de bem-estar animal, que orienta o acompanhamento dos fornecedores e ajuda a identificar áreas prioritárias para ação, permitindo direcionar recursos de forma eficiente e consistente em toda a cadeia.

Além de aumentar a colaboração e o trabalho estratégico com seus fornecedores diretos e indiretos, a Minerva Foods está investindo na colaboração mais ampla com a cadeia de suprimentos para facilitar os avanços. Foi uma das empresas associadas iniciais da Colaboração Brasileira de Bem-Estar Animal (COBEA), e em relação à participação na entidade, Tamara afirma que é uma oportunidade de trabalhar em conjunto com outros atores da cadeia, fortalecendo práticas consistentes de bem-estar animal.

“Acreditamos que o COBEA tem grande potencial para ampliar a capacitação, o engajamento dos fornecedores e a adoção de práticas responsáveis, contribuindo para uma produção mais segura e transparente, que gera confiança para clientes, consumidores e toda a sociedade”, finaliza.

NESTLÉ BRASIL: Programa de boas práticas incentiva o bem-estar animal em fazendas leiteiras

Como membro da COBEA, Nestlé Brasil reforça seu foco no bem-estar animal e integra a temática como pilar fundamental na sustentabilidade

O trabalho com bem-estar animal no universo da pecuária de leite já é uma realidade em muitas fazendas no Brasil. Um objetivo fundamental é criar condições nas propriedades produtoras que permitam aos animais terem conforto e expressarem seus comportamentos naturais. Esses cuidados resultam em maior produtividade, menor incidência de doenças e colaboram para melhor qualidade do leite.

Além do bem-estar animal ser condição para que as vacas produzam com saúde e eficiência, a Nestlé Brasil, ator significativo na cadeia de laticínios no mercado, vê essa questão como um indicador diretamente relacionado à sustentabilidade da fazenda, influenciando consequentemente na redução das emissões de carbono do sistema produtivo. Membro da Colaboração Brasileira de Bem- Estar Animal (COBEA), a empresa é pioneira na implementação de práticas de bem-estar animal a campo e tem reforçado seu foco no assunto anualmente, integrando a temática como um pilar fundamental para a sustentabilidade e parte da sua jornada de desenvolvimento de uma pecuária regenerativa.

Com a entrada na COBEA, a empresa consolidou ainda mais seu compromisso com o tema, conforme explica a gerente-executiva de Agricultura Sustentável na Nestlé Brasil, Barbara Sollero:

“Trabalhar em prol do bem-estar animal é uma responsabilidade que transcende os interesses individuais, trazendo benefícios significativos para produtores, consumidores e toda a indústria. As boas práticas de bem-estar animal não apenas promovem a saúde e o bem-estar dos animais, mas também impactam positivamente a qualidade dos produtos e a sustentabilidade da produção.”

Visando esse objetivo, a Nestlé Brasil tem desenvolvido um programa de boas práticas de fazenda chamado Nature por NINHO®, que tem como uma de suas práticas de desenvolvimento sustentável o incentivo à adoção de práticas de bem-estar animal. O programa contempla orientações sobre cuidados com o solo, práticas de agricultura regenerativa, cuidado com os recursos naturais, gestão hídrica, treinamento de pessoas e garantia dos direitos humanos e do bem-estar dos animais da fazenda, a partir da manutenção das instalações, da prevenção e tratamento de doenças, uso de anestésico e analgésico em procedimentos veterinários como amochamento, manejo nutricional adequado para as categorias, uso de sêmen sexado objetivando a redução de machos, boas práticas de manejo, entre outros assuntos importantes, para que o fornecedor possa ser mais eficiente na produção de leite.

Para que essas práticas de manejo façam parte da rotina da propriedade, vem sendo realizado um processo de sensibilização e capacitação de pessoas, entre consultores e fornecedores. Dessa forma, a empresa está contribuindo para uma mudança de mentalidade no setor, onde melhores práticas são gradualmente introduzidas e se tornam comuns. Outro ponto importante é auxiliar os fornecedores com adaptação e investimento em infraestrutura nas fazendas para garantir o bem- estar aos animais, uma vez que essa necessidade financeira para a transformação da cadeia de produção continua sendo um desafio.

A empresa incentiva no campo a adoção de tecnologias de monitoramento animal, principalmente nas fazendas do nível Diamante, onde os fornecedores devem ter pelo menos 60% dos animais adultos monitorados. Esse acompanhamento auxilia os produtores a tomarem melhores decisões na fazenda, especialmente em relação ao manejo reprodutivo, além de favorecer a detecção precoce de doenças e se existiu algum evento que causou estresse nos animais monitorados.

Para destacar os avanços no programa, como o reconhecimento da primeira fazenda nível Diamante, a Nestlé realizou na primeira semana de outubro de 2025 o “Circuito Nature por Ninho 2025”, um evento em Gameleira de Goiás (GO) que juntou cerca de 400 pessoas, principalmente seus produtores e fornecedores.

O evento também representou uma oportunidade de capacitação, com palestras e workshops relacionados a temas como gestão da fazenda, cuidado com os bezerros recém-nascidos, melhoramento genético, nutrição animal, agricultura regenerativa e manejo sustentável do solo, e sucessão familiar e longevidade das fazendas. Foi possível observar como o engajamento com os fornecedores pode ser feito na prática, a importância de reconhecer o bom desempenho, tal como de desenvolver uma cultura de cuidado na fazenda, onde as pessoas responsáveis pelos cuidados diários dos animais têm um papel crucial.

Outro ponto importante para a Nestlé é como as boas práticas de bem-estar animal contribuem para a redução das emissões de carbono, alinhando-se às metas globais de sustentabilidade.

“A parceria com a COBEA reforça o compromisso da Nestlé com o bem-estar animal e com o clima. Estamos confiantes de que ela não apenas acelerará e impulsionará a inovação e a pesquisa, mas também facilitará um diálogo ativo e uma conexão entre os principais stakeholders das diversas cadeias produtivas animais, promovendo um avanço setorial consistente e sustentável”, finaliza Barbara.

PLANALTO OVOS: Galinhas livres de gaiolas e foco em biossegurança garantem produção de ovos bem-sucedida

Membro da COBEA, Planalto Ovos prioriza para suas 500 mil aves a adoção de um sistema produtivo preventivo e sustentável

Galinhas livres de gaiolas, biosseguridade e a adoção de sistemas preventivos e sustentáveis garantem há oito anos o sucesso da Planalto Ovos, cujos resultados produtivos obtidos ao longo da sua trajetória demonstram a consistência do modelo escolhido para sua operação desde a concepção do projeto. Membro fundadora da Colaboração Brasileira de Bem-Estar Animal (COBEA), a empresa mantém hoje um plantel de aproximadamente 500.000 aves, distribuídas entre diferentes unidades produtivas em Minas Gerais.

A decisão de adotar a criação de galinhas livres foi influenciada pela experiência prévia dos sócios na avicultura, construída entre 1964 e 2017 na Granja Planalto, e pela avaliação de que o modelo permitiria estruturar uma produção baseada em manejo cuidadoso, disciplina sanitária e qualidade do produto.

Em 2018, o mercado brasileiro de ovos provenientes de sistemas alternativos ainda era pouco desenvolvido. Existiam iniciativas pontuais, muitas vezes de pequena escala e com baixa padronização de processos. Porém, as mudanças observadas em mercados internacionais indicavam que modelos de criação que proporcionassem melhores condições às aves tenderiam a ganhar relevância ao longo do tempo. Esse contexto sinalizava uma oportunidade para a Planalto, que desde o início descartou a ideia de realizar uma transição gradual a partir de estruturas convencionais.

Toda a produção da empresa é desde então conduzida em sistemas livres de gaiolas ou caipira e integralmente certificada em BEA, para estabelecer um elevado padrão produtivo para todas as aves, independentemente do destino comercial dos ovos. Essa abordagem contribui para maior consistência operacional e reforça o princípio de que as práticas de manejo e as condições de criação devem ser uniformes em todo o plantel.

Desde a concepção do projeto, a biosseguridade foi estabelecida como um dos principais pilares da operação. Inicialmente havia preocupação de que a criação no piso pudesse ampliar o risco de desafios sanitários. Na prática, a experiência demonstrou que um programa robusto de prevenção, aliado a boas condições de manejo, permite manter estabilidade sanitária e consistência produtiva.

Um dos desdobramentos dessa abordagem foi conduzir a produção sem utilização de antibióticos como melhoradores de desempenho. Para viabilizar esse modelo, a empresa estruturou um conjunto integrado de medidas preventivas, baseadas em biosseguridade rigorosa, nutrição equilibrada e manejo adequado das aves.

Nesse contexto, são utilizadas alternativas tecnológicas que contribuem para a saúde intestinal e para a estabilidade da microbiota das aves, como probióticos e simbióticos, ácidos orgânicos e óleos essenciais. Essas ferramentas auxiliam na manutenção do equilíbrio microbiológico e reduzem a necessidade de intervenções terapêuticas ao longo do ciclo produtivo.

A abordagem está alinhada ao conceito de Saúde Única, que reconhece a interdependência entre saúde animal, saúde humana e equilíbrio ambiental, reforçando a importância de sistemas produtivos preventivos e sustentáveis.

A estrutura produtiva é compartimentalizada, com unidades fisicamente separadas (fábrica de ração, fazendas e entreposto de ovos), o que, apesar de aumentar a complexidade logística, reduz significativamente o risco de disseminação de patógenos. O manejo sanitário inclui vacinação, monitoramento, controle de acesso e desinfecção, com atenção adicional, em sistemas no piso, ao manejo da cama, escolha do ninho e prevenção de endoparasitas.

Os resultados produtivos obtidos demonstram a consistência do modelo adotado. Um dos marcos mais relevantes foi o reconhecimento de um lote da linhagem Lohmann como o mais produtivo já registrado pela genética, atingindo 593,8 ovos por ave alojada.

A empresa também recebeu em 2024 o Good Egg Award, concedido pelo ONG de bem-estar animal internacional Compassion in World Farming. A premiação reconhece empresas que adotam padrões elevados de criação e práticas alinhadas à melhoria das condições de vida das galinhas poedeiras.

Segundo a empresa, esses reconhecimentos demonstram que essas dimensões não são conflitantes, mas que é possível combinar altos níveis de bem-estar animal com alta e consistente produtividade.

A participação na criação da COBEA está alinhada à visão de que iniciativas colaborativas podem acelerar o aprendizado do setor. A troca de experiências entre empresas, academia e organizações da cadeia produtiva contribui para ampliar o alcance de boas práticas e fortalecer discussões técnicas e estratégicas sobre produção animal.

Na avaliação da Planalto Ovos, o Brasil tem capacidade técnica para avançar, mas enfrenta desafios como acesso a financiamento, custos mais altos e necessidade de melhor organização comercial; nesse contexto, certificações independentes são chave para diferenciar boas práticas e dar transparência ao mercado.

“A viabilidade de sistemas livres de gaiolas depende menos de discurso e mais de execução: planejamento, disciplina sanitária, observação das aves, equipe capacitada e expansão alinhada à demanda. Nossa participação na COBEA serve não apenas para compartilhar nossa experiência com outros, mas também para evoluir em conjunto e promover a colaboração necessária em toda a cadeia de valor, o que pode ajudar a acelerar a transição para sistemas de produção que promovam um melhor bem-estar animal”, afirma o diretor da Planalto Ovos, Daniel Mohallem.

SPECIAL DOG COMPANY: Mercado pet alia produção de alimentos ao bem-estar animal a partir da escolha de matérias-primas

Cofundadora da COBEA, Special Dog Company é a primeira fabricante de alimentos para animais de estimação no Brasil a implantar política de compra de ovos 100% livres de gaiolas

Proteínas, como o ovo integral em pó, são matérias-primas amplamente utilizadas na produção de alimentos para o mercado pet. Com o aumento da conscientização sobre as condições das galinhas em sistemas convencionais de produção de ovos, cresce também a demanda por produtos com padrões mais elevados de bem-estar animal. Essa tendência não se limita à alimentação humana — ela também vem se consolidando no setor de pet food, refletindo a compreensão de que práticas mais éticas geram valor agregado ao produto, além de impactar positivamente a qualidade dos alimentos.

Com esse entendimento, a Special Dog Company, uma das maiores fabricantes de alimentos para animais de estimação do Brasil, anunciou em 2023 que passaria a adquirir exclusivamente ovos provenientes de galinhas criadas livres de gaiolas em suas formulações. Em apenas 10 meses, a empresa desenvolveu e concluiu a implementação de um efetivo plano de ação sobre bem-estar animal em sua cadeia de suprimentos, substituindo 100% dos ovos utilizados em seus produtos por ovos provenientes de sistemas que asseguram um ambiente mais adequado às galinhas.

Com essa conquista, a Special Dog tornou-se a primeira fabricante de alimentos pet do Brasil a implementar integralmente essa política em sua produção. A empresa agora expande o olhar para outras cadeias produtivas, como a de peixes, com previsão de significativos avanços ainda em 2025, e a de suínos.

O compromisso com a temática se fortaleceu ainda mais com sua adesão à COBEA (Colaboração Brasileira de Bem-Estar Animal) em 2024, uma iniciativa sem fins lucrativos idealizada pela certificadora Produtor do Bem e composta inicialmente por sete empresas comprometidas em avançar nessas práticas em suas cadeias produtivas. Na primeira reunião da coalização, o gerente de desenvolvimento sustentável da Special Dog Company, João Paulo Figueira, foi escolhido para presidir o primeiro mandato da entidade, que hoje conta com oito membros.

Em geral, os debates sobre sustentabilidade no setor de pet food costumam se concentrar em temas como descarbonização e transição energética. No entanto, a Special Dog enxerga o bem-estar animal como um pilar igualmente estratégico — tanto pelo alinhamento com os valores de seus clientes quanto pelo potencial de diferenciação no mercado.

Segundo ele, o interesse pelo tema é crescente entre os principais players do setor, geralmente mais atentos às novas demandas de mercado. Ainda assim, o tópico permanece como uma agenda em estágio inicial para a maioria das empresas de pet food. Entre os desafios, ele destaca a baixa disponibilidade de fornecedores comprometidos com práticas comprovadas de bem-estar animal, o que exige da indústria não apenas busca ativa, mas também apoio e estímulo.

Por isso, a empresa aposta em um processo gradativo, que envolva educação, sensibilização e maior colaboração entre os diferentes elos da cadeia. Como muitas das matérias-primas utilizadas são adquiridas dos mesmos produtores que atendem à alimentação humana, há amplas oportunidades de sinergia e colaboração intersetorial.

“É justamente esse espírito colaborativo que orienta a atuação da COBEA. Estamos construindo um novo modelo de cooperação entre todos os elos da cadeia de proteína animal, com o objetivo de consolidar os necessários avanços. Desde o início ficou claro que havia um propósito comum, legítimo, de superar os atuais desafios. Acreditamos que a união de empresas comprometidas com essa causa — somando competências, experiências e visões complementares — é o caminho para alcançar, com mais velocidade e consistência, o bem-estar efetivo de aves, suínos, peixes e demais espécies”, conclui Figueira.



COBEA

Colaboração Brasileira de Bem-Estar Animal

www.cobea.com.br
contato@cobea.com.br
[linkedin/cobeabrasil](https://www.linkedin.com/company/cobeabrasil)

© 2026 COBEA – Colaboração Brasileira de Bem-Estar Animal.
Todos os direitos reservados.